

IV Colóquio Internacional de Metafísica
Natureza e Metafísica

27 a 30 de agosto de 2012
UFRN - Natal/RN

CADERNO DE RESUMOS



Comissão Organizadora

Fernanda Bulhões

Cinara Maria Leite Nahra

Daniel Durante Pereira Alves

Gisele Amaral dos Santos

Comissão Científica

Cinara Maria Leite Nahra (UFRN)

Daniel Durante Pereira Alves (UFRN)

Fernanda Machado de Bulhões (UFRN)

Gisele Amaral dos Santos (UFRN)

Juan Adolfo Bonaccini (UFPE)

Maria da Paz Nunes de Medeiros (UFRN)

Celso Martins Azar Filho (UFF)

Alessandro Pinzani (UFSC)

Miguel Angel de Barrenechea (UNIRIO)

Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Campus Universitário, Km 1, BR 101, Lagoa Nova.

Fone: (84) 3215-3643 / Fax: (84) 3215-3641

<http://cchla.ufrn.br/ppgfil/eventos/IVCIM/>

SUMÁRIO

CONFERÊNCIAS	3
CONFERÊNCIAS	4
GT ARTE E NATUREZA	8
PALESTRAS	9
COMUNICAÇÕES	10
GT ÉTICA E METAFÍSICA.....	15
PALESTRAS	16
COMUNICAÇÕES	20
GT HISTÓRIA E CRÍTICA DA METAFÍSICA	28
PALESTRAS	29
COMUNICAÇÕES	31
GT LÓGICA E METAFÍSICA	41
PALESTRAS	42
COMUNICAÇÕES	44
GT NATUREZA E METAFÍSICA NA FILOSOFIA ANTIGA	46
PALESTRAS	47
COMUNICAÇÕES	49

A decorative graphic on the left side of the page consists of several concentric, semi-circular arcs in various shades of gray. At the bottom of these arcs is a dark gray silhouette of a person's head in profile, facing right.

CONFERÊNCIAS

CONFERÊNCIAS

Nome: Giovanni Casertano

Instituição: Università degli Studi di Nápoles “Federico II”)

Título: Ser, natureza e verdade: a antimetafísica de Górgias

Resumo: *Contra Parménides* se dirige a obra *Sobre a natureza ou sobre o que não é*. Nesse texto, Górgias pretende realçar que o princípio parmenidiano que regula os termos da relação linguagem-realidade não é pacífico, pois comporta toda uma complexa série de problemas frequentemente silenciados ou ignorados. Para Górgias, é difícil estabelecer a «realidade» de algo independentemente do nosso discurso. A afirmação (ou a negação) da realidade de algo, a nossa inevitável atribuição de predicados a qualquer coisa, constituem sempre as nossas “qualificações” dessa realidade. E, como se dirá no *Elogio de Helena*, as nossas qualificações não são nem podem ser “neutras”, pois exprimem sempre uma reorganização lógica, afim e pessoal nossa da realidade. A minha comunicação tratará os seguintes pontos: 1) a tradução lógica, em termos de linguagem, da realidade de um “objeto” torna-o precisamente “objeto do discurso” e a coincidência de “ser objeto” e de “ser objeto do discurso” não é de todo imediata; 2) vice-versa, se o nosso discurso é correto, logicamente coerente, a sua coerência pode desenvolver-se somente se envolver de maneira necessariamente ambígua mais do que um nível, o do ser, o do pensar e o do nomear, que, mesmo que deixem de ser “o mesmo”, como acontecia em Parménides, são todavia extremamente difíceis de tratar como coisas diversas *nas palavras que usamos para construir o nosso discurso*; 3) o nosso discurso, que é aquilo com que realmente devemos tratar, é de facto o único horizonte transitável da nossa mente, e se neste horizonte não é possível afirmar coerentemente um “ser”, então temos de concluir que além deste não há mais nenhum “ser”.

Palavras-Chave: Górgias, ser, linguagem, realidade

Nome: José Jara

Instituição: Universidad de Valparaíso

Título: Más allá de la penuria : El giro teórico de Nietzsche

Resumo: El ejercicio intempestivo del pensar de Nietzsche, su actuar en contra del presente y a favor de un tiempo por venir, se entrelaza con su mirada genealógica hacia el pasado de las condiciones de existencia de los hombres en sociedad, en las que se apoya su mirada reflexiva hacia el futuro. Este cruce de temporalidades es recogido en su obra mediante el empleo de tres términos: Not: penuria, Bedürfniss: menesterosidad y Notwendigkeir: necesidad. Si bien estas tres palabras suelen y pueden traducirse mediante una sola: necesidad, el uso diferenciado y consistente hecho por Nietzsche de ellas tres, requiere de una atención especial. A través de ellas se pueden apreciar los distintos modos y niveles de relación existentes entre un individuo y sus semejantes en la vida de una comunidad: el paso desde las penurias del cuerpo y del alma hacia las menesterosidades de la comunicación y de la formación de la moral y de una conciencia intelectual. Pero también de la exigencia de un “viraje de la penuria”, a través de la intervención de la voluntad, propuesta como una necesidad: la de querer crear, una y otra vez, renovadas condiciones de existencia para la afirmación de la vida y de otro tipo de hombre que la haga suya. Incluido el riesgo y la apuesta frente al optimismo económico avistado por él en su tiempo, de que se avecine un desplazamiento del centro de gravedad de la cultura.

Palavras-Chave:

Nome: Lucas Angioni

Instituição: Unicamp

Título: Necessidade e conhecimento científico em Aristóteles

Resumo: Aristóteles afirma várias vezes, na *Metafísica* e nos *Segundos Analíticos*, que aquilo que se conhece cientificamente é “necessário”, isto é, não pode ser de outro modo. Muitos intérpretes julgam que essa afirmação dá um fundamento ontológico para o conhecimento científico. Este conhecimento seria caracterizado pelo grau máximo de certeza e indubitabilidade, e essas características epistemológicas encontrariam um fundamento último na natureza ontológica do objeto do conhecimento científico. Aquilo que se conhece cientificamente seriam proposições necessárias, cujo valor de verdade não poderia mudar, dado que os objetos a que elas se referem teriam propriedades imutáveis. Pretendo discutir essa caracterização da necessidade do conhecimento científico e mostrar que ela é inadequada para compreender o que Aristóteles quer dizer em sua teoria. Quando Aristóteles fala em “objeto do conhecimento”, ao qual atribui a propriedade de ser “necessário”, ele não se refere nem a entidades tomadas isoladamente em si mesmas, nem a proposições predicativas elementares (nas quais uma certa propriedade é atribuída a um dado sujeito). Antes, o “objeto do conhecimento” deve ser entendido como uma relação causal triádica, que Aristóteles busca captar na estrutura triádica do silogismo. Aquilo que “não pode ser de outro modo” é, antes, a relação causal mais básica pela qual um dada proposição predicativa é explicada de modo apropriado.

Palavras-Chave: necessidade, essencialismo, metafísica, causalidade, explicação, demonstração.

Nome: Maria Lúcia Cacciola

Instituição: USP

Título: A filosofia da natureza em Schopenhauer.

Resumo: Trata-se de estabelecer os parâmetros segundo os quais Schopenhauer pensou a “natureza”. Para isso iremos investigar qual seria a postura de Schopenhauer em relação às ciências da época; a saber, determinar qual seria para ele o papel do conhecimento científico em face da sua metafísica da vontade. No texto *A vontade na natureza* que será examinado por nós, se estampa a busca de conciliar os resultados científicos sobre o estudo da natureza com a sua filosofia.

No centro da investigação é preciso levar em conta o alargamento da noção de conhecimento em Schopenhauer, baseada em seu duplo ponto de vista sobre o mundo, a saber seu ideal-realismo. Para isso, nos pautaremos na sua obra capital “*Omundo como vontade e representação*”. Uma das noções norteadoras para o exame da questão será a própria definição que Schopenhauer dá de sua filosofia, uma filosofia imnente, que é ao mesmo tempo “ciência e arte”.

Palavras-Chave: vontade, natureza, ciência.

Nome: Oscar M. Esquisabel

Instituição: UNQ-CONICET-UNLP

Título: Leibniz: la ciencia general como una ontología de las ciencias

Resumo: “Ciencia general” es una denominación leibniziana para un proyecto de fundamentación de las ciencias. De una manera general, se la puede concebir como una

ontologia de las ciencias, en el sentido de que trata los conceptos y principios fundamentales que luego cada ciencia deberá aplicar dentro de su dominio respectivo. Por otra parte, dentro de este diseño de fundamentación ontológica de las ciencias, una disciplina, la ciencia combinatoria, debe ocuparse de los aspectos que constituyen el armazón estructural o formal de toda ciencia, convirtiéndose así en una ciencia de “relaciones formales”. Nuestro propósito es esbozar la estructura general del proyecto y caracterizar más específicamente la ciencia combinatoria como “ciencias de las formas”, es decir, como ciencia de las estructuras formales.

Palavras-Chave: Leibniz, ontología, lógica, epistemología, metafísica

Nome: Oswaldo Chateaubriand

Instituição: PUC-Rio

Título: O Verdadeiro e o Falso

Resumo: Em seu artigo “Função e Conceito” Frege introduz dois objetos, O Verdadeiro e o Falso, que o levam a modificar a estrutura conceitual do sistema de lógica formulado na *Conceitografia*. Em “Sobre o Sentido e a Referencia” e na introdução das *Leis Básicas da Aritmética*, Frege argumenta a favor da postulação desses objetos tanto do ponto de vista da conceitualização da linguagem como do ponto de vista da formulação da lógica. Os argumentos não são definitivos e alguns tem caráter distintamente pragmático. No século XX vários lógicos e filósofos retomaram a idéia de Frege e formularam argumentos mais específicos em favor de suas conclusões. Entre estes se destacam as formulações de Gödel, Church, e Davidson. Em minha palestra analisarei as considerações de Frege em favor da postulação dos valores de verdade e argumentarei que as formulações de Gödel, Church e Davidson não estabelecem os resultados almejados.

Palavras-Chave: Frege, valores de verdade, Gödel, Church, Davidson

Nome: Oswaldo Giacóia Junior

Instituição: UNICAMP

Título: Linguagem, Conhecimento, Metafísica: notas sobre Nietzsche e Platão

Resumo: Nesse trabalho pretendo recolher e articular subsídios para uma reflexão sobre a relação entre linguagem, pensamento, ciência e metafísica, tomando como ponto de partida as os apontamentos inéditos para a preleção de Friedrich Nietzsche intitulada Introdução ao Estudo dos Diálogos de Platônicos, ministrada na Universidade de Basileia em 1871/1872 e 1874/1875. Pretendo indicar como essas notas de aula do jovem filólogo contém elementos seminais da filosofia de Nietzsche, também de seu período de maturidade, especialmente no que concerne à sua ambivalente interpretação de Sócrates e Platão, em contraste com o platonismo e o socratismo, assim como no que respeita a seu programa filosófico de transvaloração de todos os valores Para cumprimento de tal intento, contrastarei as preleções de juventude com algumas passagens da obra de maturidade.

Palavras-Chave: cultura, crítica, metafísica, linguagem, pensamento, ciência, teoria das ideias, transvaloração dos valores.

Nome: Thomas Edward Sorell

Instituição: University of Birmingham- UK

Título: Excusable Caricature and Philosophical Relevance

Resumo: The case of Descartes The vilified Descartes of 20th century philosophy is not the same as the canonical Descartes , and not the same, either, as the historical Descartes –the Descartes of the best-informed Descartes specialists. But there is some difficulty in saying which the real Descartes is, as if the others were pure impostors. To see this is to recognize some of the limitations of history of philosophy. To the extent that history of philosophy is a historical enterprise, it inclines the practitioner to enter the preoccupations of Descartes the 17th century scientist/metaphysician. To the extent that history of philosophy is a philosophical enterprise, it inclines the practitioner to remould Cartesian ideas so as to give them a clear location in live philosophical debates. The second inclination is more likely to produce caricature than the first. But the first can and does have the drawback of being philosophically boring. As someone who approaches the history of philosophy with an interest in current analytic philosophy as well as the early modern period, I do not think the problem of boringness is insignificant, and so I think that, within limits, caricature is tolerable for the sake of philosophical relevance. But I think there is a need for work on Descartes that bridges the divide between current analytic philosophy and history of philosophy, and I try to explain the idea of bridging work by reference to my Descartes Reinvented.

Palavras-Chave:



GT ARTE E NATUREZA

PALESTRAS

Nome: Miguel Angel Barrenechea

Instituição: UNIRIO

Título: Nova era trágica: para além da metafísica

Resumo: Neste trabalho a minha proposta é esclarecer de que forma, conforme a interpretação nietzschiana, é possível entender a história da metafísica, em todo o devir do pensamento ocidental, como a “história de um erro”, cujo corolário seria a retomada do páthos trágico e a instauração de uma nova era trágica. Lembremos que, conforme interpreta o pensador alemão, após uma era de esplendor vivida pelos helenos trágicos (até o Século V^a C), em que eram afirmadas todas as potências vitais, afetivas, artísticas e instintivas, surge o socratismo e o platonismo que, na contramão desse páthos trágico, postula uma instância metafísica, um além, um “mundo verdadeiro” ou “inteligível”, totalmente afastado da terra, da vida. Esse “erro”, baseado na crença em um utópico e inexistente mundo verdadeiro, dominará todo o percurso da metafísica ocidental. Mas aos poucos esse “erro” mostrará sua total falta de confiabilidade, até evidenciar que se trata apenas de uma “fábula”, de um engodo que iludiu os homens durante muito tempo. Para além desse erro metafísico, o páthos trágico continuou agindo, atizando a memória do homem ocidental, atuando subliminarmente e trazendo lembranças de forças recônditas e esquecidas. Esse páthos e essa memória trágicos acabarão impondo uma reviravolta no devir da cultura ocidental, que levará à instauração de uma “nova era trágica”. Essa reviravolta é considerada, por Nietzsche, como a iminência de um novo tempo: Incipit tragoedia. Em resumo, a minha proposta consiste em refletir sobre o percurso da ideia de mundo verdadeiro que dominou o pensamento ocidental, e concluir indagando em que consistiria essa retomada do páthos trágico, conforme a ótica nietzschiana, que levaria à retomada de uma nova era trágica.

Palavras-chave: era trágica, história de um erro, metafísica, mundo verdadeiro, *incipit tragoedia*

Nome: Miguel Antonio do Nascimento

Instituição: UFPB

Título: Arte, vida e natureza

Resumo: Na história da filosofia vários filósofos se empenharam em mostrar como o conteúdo da arte exprime significado filosófico. Desse modo passou-se a ter uma compreensão filosófica do que é a arte e de sua relação com o homem e com a natureza. Nesta condição é de se dizer que isto se deve ao fato de que o conteúdo da arte não se desvincula do sentido da vida e também da natureza. No entanto, quando temos de justificar o que há de comum à arte e às outras coisas e o que torna cada uma diferente da outra aparece uma dificuldade típica que é não podermos dizer com facilidade o que é verdadeiro e o que é falso na arte e no que denominamos vida e natureza. Para perseguir esta dificuldade desenvolvemos este assunto enfatizando a seguinte consideração: Nós nunca estamos afastados da arte; desde sempre já nos vemos dentro da verdade da arte. Por que, ainda assim, não entendemos o que é a arte? Com esta pergunta estabelecemos uma reflexão filosófica sobre o vínculo da arte com a natureza e o mundo em seu todo. A abordagem do assunto é feita mediante designação de conteúdo para a relação entre a arte e a filosofia, a vida e a natureza, a partir de referência feita a Platão, Aristóteles, Nietzsche e Heidegger.

Palavras-chave: A arte, o saber filosófico, a natureza.

Nome: Nelma Garcia de Medeiros

Instituição: UFRRJ

Título: O autômato espiritual ou o artificialismo espinosista

Resumo: A noção de autômato espiritual aparece em um texto de juventude de Espinosa, chamado *Tratado da Reforma do Entendimento*, escrito por volta de 1662. Insere-se no contexto da discussão sobre o conhecimento e se refere ao que Espinosa, então, concebe como “união da mente com a Natureza inteira”, princípio que será desenvolvido na *Ética*, culminando na concepção de “ciência intuitiva”. Segundo o filósofo, quanto mais a mente acompanha os processos de conhecimento que ela própria é como capacidade de articulação de ideias e coisas, mais entende a “ordem da natureza”. Conhecendo seus processos de articulação, a mente se torna mais apta a “dirigir-se e estabelecer regras para si mesma”, do mesmo modo que entendendo a ordem da natureza, “tanto mais facilmente pode evitar o que é inútil”. O autômato espiritual que nós somos é uma maquinaria complexa e anônima que funciona a partir dos mesmos elementos de base da maquinaria substancial (*deus sive natura*), sendo espiritual por ser pura capacidade de articulação. Nossa proposta de trabalho pretende apresentar a noção de autômato espiritual na filosofia espinosista, partindo da tese de que tudo, portanto também o reino do mental, está dotado precisamente com o mesmo tipo de estrutura e inteligibilidade que se encontra no mundo material. Isso dá um estatuto artificial e articulatório à ideia de natureza e de mente, à medida que esvazia o suposto privilégio do artifício dito “humano”, concebendo-o como potência de criação e entendimento que replica, em regime modal, a potência da natureza, com o que é possível arte e metamorfose.

Palavras-chave: Autômato, artifício, natureza.

COMUNICAÇÕES

Nome: Amanda Santos

Instituição: UFRN

Título: Do pensável para o vivível

Resumo: A partir da expressão “aproximar o pensável do vivível” presente na biografia nietzschiana escrita por Rudiger Safranski, este trabalho pretende identificar o que o biógrafo classifica por audível e visível dentro do pensamento nietzschiano no capítulo 10 do mesmo livro, investigando de que forma a fisiologia característica dos livros de aforismas perpassa o “pensável”, valendo-se do “audível e visível” que ressoará no “vivível”. O período sobre o qual se ancora esta pesquisa está compreendido entre 1876 e 1882; o desembarque em *Humano, demasiado humano* dá início à transição do trajeto intelectual de Friedrich Nietzsche, para o que viria a ser a segunda fase de seu pensamento, fortemente anti-romântica e sob a aura do Positivismo, será identificada com o Positivismo cético. Há uma senda na qual uma ciência altamente investigativa floresce. Antes, Nietzsche via a ciência sedenta por exatidão como uma possibilidade restrita no descortinar do mundo em oposição a uma arte possuidora de acesso privilegiado ao âmago das coisas; no fim da década de 70, isso será repensado, a ciência carregará um elemento de curiosidade, experiência, tentativa/ erro; valendo-se destes elementos sem se embriagar de um pensamento calculador que a tudo classifica incisivamente, percebemos que nos deparamos com elementos fundamentais no perceber do mundo, do olhar para esta terra, a metafísica do artista de outrora não é mais benquista e a ciência em seu fundamento mais originário do descortinar do mundo ganha força, dando espaço a novas possibilidades de experienciar esta realidade.

Palavras-chave: Fisiologia, ciência, arte.

Nome: Danilo Rodrigues Pimenta

Instituição: UNICAMP

Título: Estética e metafísica: Albert Camus como educador absurdo

Resumo: Albert Camus não possui uma obra específica sobre educação, mas o conjunto de seus textos nos oferece indicações para pensar uma pedagogia do absurdo, assim, o objetivo da comunicação é analisar a relação entre metafísica e estética na obra camusiana e apresentar o pensamento estético do franco-argelino como uma atitude coerente diante do absurdo e da revolta. Feito isso, o próximo passo é pensar em uma possível pedagogia do absurdo. Segundo Camus, a obra de arte não é autônoma, visto que ela é comprometida com a condição ontológica do homem, assim, a verdadeira obra de arte é fiel ao absurdo. O criador absurdo cria para nada e sua pedagogia consiste na consciência da efemeridade de sua obra. Para uma obra ser verdadeiramente absurda, não basta apresentar o problema do absurdo, como fez Dostoievski, trata-se de manter-se nessa constatação, isto é, ser fiel a essa verdade. A intenção pedagógica do artista consiste em manter a consciência por meio de sua obra, visto que são os fracassos da existência absurda que mais nos ensinam a respeito dela. Dessa maneira, notamos que a pedagogia do absurdo é proporcional ao homem e por isso é mais esclarecedoras que todas as bibliotecas, visto que Camus está convencido da mensagem instrutiva da aparência sensível que descreve o fracasso da existência humana. Assim, a arte proposta por Camus exige um artista consciente, que, por conseguinte, não induzirá o homem à ilusão, à esperança, mas ao despertar da consciência e à manutenção da mesma. É exatamente por isso que a criação artística é um instrumento de libertação, visto que ela tem a finalidade de despertar o homem de sua vida maquinal, isto é, da vida desprovida da consciência da absurdidade da existência.

Palavras-chave: Estética, existência, educação.

Nome: Filipi Gradim Oliveira

Instituição: UERJ

Título: Um olhar sobre a metafísica do belo em Schopenhauer

Resumo: Schopenhauer define a metafísica como uma espécie de conhecimento cujo pendor dirige-se à universalidade; conhecimento que, graças a uma potência elevada do intelecto (o “gênio”), realiza intuitivamente a compreensão do mundo em seu sentido mais fundamental. No entanto, conforme afirma o filósofo em *Sobre a filosofia e seu método*, “a base e o solo sobre os quais repousam todos os nossos conhecimentos e ciências é o inexplicável.” De modo que, se quisermos destrinchar qualquer conceito, teremos que construir passo a passo uma *metafísica*; em outras palavras: laborar um modo de investigação “que não apenas reconhece aquilo que existe, a natureza, e a ordena e a considera em seu nexos, mas também a apreende como um fenômeno dado, de alguma maneira determinado, no qual se apresenta um ser dela mesma diferente, que seria então a coisa-em-si.” Ao inquirirmos sobre o *ser da Arte*, recairemos em outra inquirição, ainda mais profunda, acerca da constituição da natureza da Vontade, do ser da coisa-em-si de todo fenômeno. Apoiado nisso, a presente pesquisa pretende pensar o processo de composição da noção de arte como um trabalho da capacidade representativa do intelecto genial de poder perfurar o véu fenomenal, partindo “da aparência”, daquilo “*que aparece [Erscheinende]*” até tocar “no que está escondido atrás”. Orientado por esta lógica, indaga-se: será a arte um veículo de comunicação mais

adequado entre o intelecto e a natureza? Será a arte a linguagem que mais se aproxima do Inexplicável no ato de sua aplicação, e que conseguiria não esclarecer, mas, antes, *sugerir* a essência que a natureza guarda em si? Estas perguntas só serão respondidas ao traçarmos a *Metafísica do belo*, uma vez que é esta que, através do fenômeno artístico, nos dá uma “compreensão mais completa e pura” da “manifestação objetiva e exterior” da coisa em si.

Palavras-chave: Metafísica, Vontade, Belo.

Nome: Joana Brito de Lima Silva

Instituição: UFRN

Título: Natureza, vontade e moral: Schopenhauer sob suspeitas nietzschianas

Resumo: O que fundamenta a moral e qual a sua relação com a natureza humana? A partir desses questionamentos Schopenhauer propõe que a compaixão é o verdadeiro fundamento das ações altruístas que formam a base da moralidade. Agir moralmente significa suprimir a distância entre os indivíduos e participar imediatamente do sofrimento alheio; a fundamentação da moral, então, se sustenta sobre a metafísica da Vontade. A essência da Vontade é o ímpeto cego incontrolável e “grundlos” (sem fundamento) que se objetiva nos indivíduos sob a forma de um círculo vicioso (desejos-sociedade-insatisfação-sofrimento), desse modo, a compaixão representa um “quietivo” apaziguador. No entanto, como é possível assumir o altruísmo da compaixão? Se Schopenhauer afirma que o Ser determina o Agir, não seria contraditório defender o domínio de algo indomável (Vontade)? Tais questionamentos levantam suspeitas sobre a metafísica schopenhaueriana e nos remetem à transvaloração filosófica nietzschiana. Nietzsche argumenta que o fundamento da moral definido por Schopenhauer contrapõe-se à noção de que não há natureza humana, tampouco a compaixão e o altruísmo seriam atributos naturais do caráter humano. A suspeita nietzschiana sobre a metafísica de Schopenhauer consiste em defender a sentença segundo a qual “tornar-se quem se é” traduziria a nossa única possibilidade de existência; assim, Nietzsche analisa o agir humano a partir da vontade de poder (afirmação e apropriação artística da vida). O objetivo desta comunicação, enfim, é pensar as contribuições de Schopenhauer e Nietzsche sobre os controversos dilemas humanos.

Palavras-chave: Vontade, Moral, Natureza.

Nome: Lindoaldo Campos

Instituição: UFRN

Título: Nietzsche e a grande ética da alegria

Resumo: Contrapondo-se a um “verdadeiro culto do sofrer” (*Além do bem e do mal*, 293) oriundo da união entre conhecimento e repressão dos instintos que perpassa a tradição filosófica, Nietzsche propõe uma *filosofia da alegria*, uma ciência gaia(ta), e recomenda o riso como “um bom amuleto que se ostente em volta do pescoço e junto ao coração” (id., *ibid.*), uma égide, portanto, contra o peso dos valores decadentes inerentes à metafísica. Neste sentido, Nietzsche alude mesmo a uma hierarquia dos filósofos conforme a qualidade do seu riso, “colocando no topo aqueles capazes da *risada de ouro*” (*Além do bem e do mal*, 294), aqueles capazes, portanto, de “permanecer alegres e zombar bem-humorados também de si mesmos” (*Ecce homo, O caso Wagner*, 1). Daí porque pensar para além das oposições de valores constitutivas da metafísica exige uma perspectiva a partir da qual seja possível denunciar a tartufice, a bufonaria em que se assenta todo pensamento “profundo” (leia-se: dogmático). E para isto – diz Nietzsche –,

é necessária a grande arte do riso: este é o reino onde vigora a grande trindade da alegria: calma, grandeza e luz solar (*Humano, demasiado humano* II, *O andarilho e sua sombra*, 332); este é o reino do riso criador, da libertação quanto ao espírito de vingança; o reino do reconhecimento alegre de que nada obedece a uma ordem, a uma verdade, e que, portanto, tudo pode ser criado.

Palavras-chave: Nietzsche, alegria, criação.

Nome: Ramon Bolívar Cavalcanti Germano

Instituição: UFPB

Título: Considerações sobre o conceito de natureza em Ludwig Feuerbach

Resumo: No presente trabalho, visamos à apresentação do conceito de natureza em Ludwig Feuerbach levando em conta sobretudo o papel central exercido por este conceito no interior da nova proposta filosófica desenvolvida pelo pensador alemão. Neste sentido, mostramos como o conceito de natureza, desenvolvido de maneira mais lúcida e abrangente a partir de *Das Wesen der Religion* (1846), preenche uma lacuna presente em *Das Wesen der Christentums* (1841), a saber: o tratamento isolado da essência do homem, desconsiderando o ser que o homem, em sua essência, pressupõe, ou seja, a natureza como causa ou fundamento do homem. Vem a tona, então, o conceito filosófico de *Natureza não-humana* que traz em si, antes de mais, a afirmação da total independência da existência da natureza seja frente à vontade de um suposto criador supremo, seja frente ao homem como suposta “medida” da natureza. Diante da natureza enquanto alteridade absoluta, o homem sente-se dependente de um outro que não depende dele. Daí o tema central do *sentimento de dependência* enquanto fundamento psicológico e subjetivo da religião. Além disso, não podemos limitar a função crítica do conceito feuerbachiano de natureza apenas à contestação do teísmo e do idealismo enquanto desprezadores da natureza. Antes, temos de levar em conta a crítica à supervalorização (endeusamento) da natureza pela religião da natureza e pelo panteísmo. O dever de Feuerbach, neste sentido, será o de evitar os extremos, os superlativos do sentimento religioso e considerar a natureza tal como ela é para, então, poder fazer da natureza, como mãe, uma *morada*.

Palavras-chave: Feuerbach, natureza, homem.

Nome: Raquel Patriota da Silva

Instituição: UFPB

Título: Belo natural e negatividade em Theodor Adorno

Resumo: O problema da dominação da natureza constitui um dos centros de força do pensamento de Theodor Adorno. No que concerne à sua *Teoria Estética*, a abordagem da arte se relacionará com esse pressuposto de modo a tecer uma noção peculiar de “experiência estética”. De início, Adorno pretende pensar a linguagem artística como um modo não-intencional de alegorizar a “reconciliação” com a Natureza. Se a “razão instrumental” incide um olhar projetivo sobre a natureza a fim de dominá-la e explorá-la enquanto matéria-prima inerte, a racionalidade estética representa sua negação determinada: a ruptura com a intencionalidade do sujeito. Essa cisão é transfigurada por Adorno através da noção alegórica do “belo natural”, categoria que empalideceu nas estéticas mas que porta em si um teor de verdade, o índice da falsidade do sujeito autônomo e de sua liberdade em relação à natureza. O belo natural na estética de Adorno aponta para a promessa de reconciliação com a natureza envilecida pela *ratio* científica, uma natureza que não se deixa expressar de maneira discursiva e

instrumentalizada, mas que transcende a aparência na qual o sujeito se enreda. Ao quebrar com essa aparência por dentro, ou seja, através dela mesma, a arte instaura a possibilidade de se enxergar o que é desprovido da mera aparência e da inverdade das construções culturais; é assim que a arte se coloca como uma esperança negativa.

Palavras-chave: Belo, negatividade, natureza.



GT ÉTICA E METAFÍSICA

PALESTRAS

Nome: Cinara Maria Leite Nahra

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: *Moral enhancement*: o aprimoramento moral da humanidade

Resumo: O objetivo desta apresentação é discutir o conceito de *moral enhancement* (aprimoramento moral) mostrando que este está relacionado a três coisas: a) aos princípios que nós usamos para guiar nossos julgamentos e nossas ações b) ao nosso conjunto de motivações e c) as ações em si mesmo. Assim o que conta como *moral enhancement* é o aprimoramento dos princípios que nós usamos para julgar e agir, o *enhancement* da nossa capacidade de aderir a eles, ou seja, de segui-los, e como consequência de a. e b. o *enhancement* das ações que cada um de nós, e por consequência todos nós, praticamos. Discutirei aqui, além do *enhancement* dos princípios morais que usamos para fazer julgamentos morais e agir e do *enhancement* do nosso conjunto de motivações, também a questão da permissibilidade ou não do *enhancement* biotecnológico, a questão da seleção genética para a moralidade e a questão sobre se o *enhancement* moral deve ou não ser considerado uma condição necessária para outros tipos de *enhancement*, especialmente o que nós chamamos de *enhancement* cognitivo.

Palavras-chave: *Moral enhancement*, *enhancement*, aprimoramento moral.

Nome: Dax Moraes

Instituição: UERN

Título do Trabalho: Amor em Schopenhauer: a perspectiva da natureza e a da vontade

Resumo: A palestra tem como objetivo distinguir adequadamente dois aspectos do amor em Schopenhauer de acordo com a dupla perspectiva do mundo como vontade e do mundo como representação. Para tanto, é necessário, de início, recordar o que significa essa dupla perspectiva e determinar o que corresponde a cada um de seus aspectos. Enquanto o mundo como vontade é o da liberdade sem meta e o da unidade indiferenciada, o mundo como representação é o da necessidade natural, cuja realidade objetiva se nos apresenta segundo o princípio de individuação. A este último pertence o instinto sexual pelo qual se manifesta o fenômeno da vontade de viver, cuja natureza Schopenhauer explica no capítulo dedicado à “Metafísica do amor sexual”. Neste contexto estrito é que se insere a famosa e tão polêmica tese sobre a “ilusão do amor”. A palestra deve então esclarecer por que, para Schopenhauer, não há algo como um amor entre indivíduos que não seja, em seu fundo, mera ilusão que encobre a inflexível necessidade de gerar um novo indivíduo, perpetuando, assim, o fenômeno da vontade e, portanto, a dor, o sofrimento e a morte. O verdadeiro amor, portanto, deveria se produzir mediante a superação do princípio de individuação, logo, do mundo como representação, que é o mundo natural. Trata-se, desta vez, da compaixão pela qual se dá a unidade impessoal entre eu e o outro, o único legítimo fundamento de toda virtude e de toda moral. Diante disto se pode reconhecer afinidades entre a doutrina de Schopenhauer sobre o amor e aquelas do platonismo e do cristianismo.

Palavras-Chave: Amor, Sexualidade, Compaixão.

Nome: Érico Andrade M. de Oliveira

Instituição: UFPE

Título do Trabalho: A generosidade com um imperativo sentimental: por uma abordagem contemporânea da moral cartesiana

Resumo: Meu ponto no presente artigo consiste na defesa de um componente contemporâneo da moral cartesiana inscrita na tese de que a ação moral é uma ação que condensa a motivação e o critério de avaliação moral num imperativo sentimental, indicado no conceito de generosidade. Assim, a filosofia cartesiana abre um importante espaço para a reflexão moral contemporânea à medida que indica uma conciliação entre a motivação moral (que determina a nossas ações) e o critério de avaliação moral (que pressupõe uma margem de escolha do agente moral e confere legitimidade ao uso dos predicados morais). Descartes parece sugerir que um bom caminho para pensar a moral é não assumir as emoções apenas como um vetor de motivação moral inexorável, ainda que indesejado por alguns filósofos, mas, ele mostra, sobretudo, que as emoções também servem como um importante aparato crítico para a avaliação moral. A minha tese suscitará uma discussão em três diferentes níveis: a) primeiramente, no que concerne à liberdade humana vou defender que Descartes é compatibilista; b) segundo, vou mostrar que para Descartes as paixões são as responsáveis pela motivação moral; c) por último, vou enfatizar que o caráter deontológico assumido pela moral em Descartes se refere à determinação da vida feliz como dever que compele os indivíduos a agirem racionalmente por meio da planificação de suas paixões, as quais devem assumir a forma de um imperativo sentimental inscrito no conceito de generosidade. Concluirei que Descartes irá propor a generosidade como um imperativo moral. Essa posição cartesiana faz convergir motivação moral e avaliação da moralidade das ações.

Palavras-Chave: moral, Descartes, natureza humana.

Nome: Helder Buenos Aires de Carvalho

Instituição: UFPI

Título do Trabalho: Virtudes, animalidade, teleologia, responsabilidade e biologia filosófica em Alasdair MacIntyre e Hans Jonas

Resumo: A filosofia tradicionalmente tem se caracterizado por uma persistente tematização do humano como que distanciada de sua animalidade, em um quase esquecimento do pertencimento do ser humano à natureza como um todo. Daí as teorias éticas tradicionais corriqueiramente operarem com uma visão do agente moral como sendo autônomo, adulto, racional e não sujeito às vicissitudes da doença, do sofrimento e das limitações a que está submetido durante sua vida inteira, como que situado em um plano transcendental ou metafísico, abstraído de sua animalidade e condição biológica. Hans Jonas e Alasdair MacIntyre são pensadores que, por caminhos diversos, têm buscado questionar essa perspectiva tradicional da filosofia e recuperar esse terreno esquecido na teoria moral alertando-nos para os riscos próprios ao esquecimento da condição biológica, da animalidade do humano; um esquecimento que já desemboca na crise ecológica que passamos e no niilismo contemporâneo, reafirmados pelo individualismo sem freios e pelo consumismo destrutivo próprio dos sistemas capitalistas e de certas políticas liberais modernas. A nossa comunicação busca mostrar, num esforço exploratório inicial, como encontrarmos terreno comum para a reflexão moral na ética comunitarista das virtudes de MacIntyre e na ética da responsabilidade de Jonas, a partir da perspectiva de uma possível complementaridade entre as filosofias desses dois importantes pensadores na tematização das relações entre ética, técnica e natureza. Conceitos como virtudes, teleologia, responsabilidade, animalidade e vida,

articulados por certas concepções biológico-filosóficas, são fundamentais para essa exploração comparativa dos dois pensadores na direção de uma reflexão filosófica que dê conta da problemática moral atual e, ao mesmo tempo, incorpore a dimensão ambiental.

Palavras-Chave: Ética, Virtudes, Animalidade.

Nome: José Expedito Passos Lima

Instituição: UECE

Título do Trabalho: *A nuova scienza* como nova metafísica da vida civil em Giambattista Vico e a tradição humanista renascentista

Resumo: O tema ético da vida civil e da metafísica pressupõe certa herança em Giambattista Vico, quer da tradição retórica do humanismo civil quer dos metafísicos renascentistas, ou seja, a cultura da *trattatistica* sul comportamento de orientação retórica do *vivere civile* (Castiglione, Pontano, Palmieri, Della Casa, Guazzo, Cinzio), e a busca de concórdia entre saberes e doutrinas nas formulações enciclopédicas dos metafísicos renascentistas (Marsilio Ficino e Pico della Mirandola): hipótese interpretativa desta proposta de exposição. Não obstante a constante preocupação viquiana com o *vivere civile*, era preciso para a compreensão da vida civil uma fundamentação metafísica. Após o anúncio da nova *scientia* no *De Constantia* do *Diritto Universale* (1720-1721), Vico defende a importância de uma Filologia justificada filosoficamente, isto é, uma investigação de novos princípios para uma fundamentação metafísica, ou de uma nova metafísica do mundo civil das nações, pois a Filologia oferecerá os elementos produzidos pelo arbítrio humano que constituem a natureza do *vivere civile*. A *Scienza Nuova* (1725-1730-1744) apresentará essa nova metafísica, oposta à da natureza, preenchendo assim a lacuna até então presente no mundo douto de semelhante saber, capaz de contribuir com as ciências morais. Tal lacuna não fora, porém, preenchida por pensadores de orientação cartesiana e jusnaturalistas, não obstante a contribuição de Grotius. Daí a necessidade de se propor uma nova metafísica e a sua prática em virtude dos rumos da *ratio* e do *vivere civile* na Modernidade: risco da barbárie da reflexão.

Palavras-Chave: Metafísica, *Nuova scienza*, *vivere civile*.

Nome: Luciano Donizetti da Silva

Instituição: UFJF

Título do Trabalho: Contingência e liberdade: os desafios de uma ética do ser livre

Resumo: A partir dos pressupostos de *O Ser e o Nada* (1943), uma ontologia fenomenológica que estabelece a liberdade como fundamento do homem, é possível erigir uma ética? Que Sartre a tenha prometido e jamais levado a termo é algo digno de sua biografia; mas seria cabível propor uma ética tendo como pressuposto que cada homem é, individual e absolutamente, *livre*? Note-se: o homem não *possui* liberdade, senão ela lhe viria de fora, como um atributo; ele não é apenas livre, como se isso resultasse de sua condição existencial. Ele *é liberdade*, ele existe enquanto age intencionalmente no mundo; ou melhor, enquanto age e também quando não age (pois não agir é, ainda, uma escolha livre). Seja agindo ou negando-se a agir o homem projeta, visa previamente um fim, uma finalidade para seu ato. Ora, e se os fins forem diferentes do que foi projetado? E mais, será mesmo impossível agir sem almejar fim algum? Como mostrar que *é necessário* que se tenha um projeto sem, com isso, limitar a liberdade? Nestes termos, é preciso rever o que poderia ser tal proposta ética (não pode

ser, é claro, uma ética prescritiva), pois, mesmo que se trate de algo *sui generis*, não parece fácil admitir que ela seja viável. Não. A menos que se adentre a *Crítica da Razão Dialética* (1960), pois é ali que Sartre, malgrado a força das infraestruturas e superestruturas e apesar de todo tipo de determinismos, desenvolve sua teoria de inteligibilidade da História a partir da Liberdade mesma; e essa teoria é, também, o fundamento para se falar numa ética a partir de sua filosofia.

Palavras-Chave: Sartre, Liberdade, Ética.

Nome: Maria de Lourdes Borges

Instituição: UFSC

Título do Trabalho: Paixão e deliberação em Kant

Resumo: Neste trabalho, investigo a relação entre paixão e deliberação em Kant. Ao determinar os três graus do mal, Kant localiza o mal propriamente dito na deliberação por máximas contrárias à lei moral e entende a fraqueza como a dificuldade momentânea de seguir o que a máxima moral ordena. Se os afetos são responsáveis pela fraqueza, as paixões são o móbil para a adoção refletida de máximas não-morais. Neste sentido, as paixões são mais nocivas para a moralidade do que os afetos. Farei neste texto a distinção entre afetos e paixões, bem como os relacionarei com os graus do mal. Na Antropologia do ponto de vista pragmático, Kant apresenta a divisão das paixões. Ele as classifica entre paixões inatas, advindas da inclinação natural e paixões adquiridas, procedentes da civilização dos seres humanos. As paixões do primeiro gênero, chamadas de paixões ardentes (*passiones ardentes*) são à inclinação à liberdade e a inclinação sexual; as do segundo gênero, denominadas de paixões frias (*passiones frigidae*) são o que considera serem as três principais paixões: ambição, vontade de poder e cobiça. As do primeiro gênero estão ligadas à inclinação, mas não as do segundo, ligadas “à persistência de uma máxima dirigida a certos fins” (Ant, AA, 7:268). As paixões adquiridas (ambição, vontade de poder e cobiça) advêm do desejo de possuir o poder de controlar os seres humanos em geral. Este controla sobre os outros seres humanos é feito através da honra, da autoridade e do dinheiro. “Possuindo estes três poderes, no diz Kant, pode-se influenciar qualquer um, senão por meio de um destes poderes, por meio de outro” (Ant, AA 7: 272). As paixões exploram uma tripla fraqueza humana, através das quais um indivíduo se apodera de outro. Assim, as paixões são sempre uma forma de dominação através da fraqueza. Por fim, ilustrarei esta diferença utilizando as tragédias de Shakespeare, com ênfase para Romeu e Julieta, Macbeth.

Palavras-Chave: Paixão, Deliberação, Mal.

Nome: Ricardo Antônio Rodrigues

Instituição: UFPel

Título do Trabalho: Da Dignidade à Responsabilidade Humana

Resumo: No momento em que vivemos faz-se necessário uma nova perspectiva de enfatizarmos, talvez não mais tanto a dignidade, mas a responsabilidade humana. É neste sentido que Boaventura de Bagnoregio (1217-1274) cria uma possibilidade de pensar a dignidade numa relação indissociável com a responsabilidade humana. Ao acolher a definição de pessoa sugerida por Boécio, “*naturae rationabilis indiudua substantia*” (*Contra Eutychem et Nestorium, III, 170*), Boaventura agrega a noção de relação (De Trinitate, q. 2, a. 2, n. 9; I Sent., d. 25, a. 1, q. 1), esse acréscimo a noção de pessoa, não apenas reconhece a natureza individual e racional do indivíduo humano,

mas lhe confere a *relação*, que tem sentido ontológico, de ‘um constitutivo essencial’. A partir dessa compreensão a pessoa humana é uma realidade aberta, dinâmica, de ‘respectividade do ser’ e autodeterminada, recriando uma nova forma de ser e estar-no-mundo. A pessoa como relação não inova apenas na visão de pessoa humana, mas numa nova forma de relação desta com o mundo. Para Boaventura, não há uma natureza ou uma pulsão que condiciona e determina a existência humana. A pessoa humana é reflexo, espelho, que é e reflete a imagem divina como expressão plena da liberdade e da autodeterminação, como dignidade ontológica que lhe constitui e lhe dá assegura uma condição de total liberdade e, por isso, total responsabilidade com tudo e com todos. Isso supera o antropocentrismo e a mitologia, com isso, o humano não é superior e nem inferior a tudo o que existe, ao mundo e a natureza, por exemplo, mas parte integrante, infinitamente digno e, por isso, responsável.

Palavras-Chave: Ética, Responsabilidade, Dignidade Humana.

COMUNICAÇÕES

Nome: Adelino Montenegro dos Prazeres

Instituição: UFPE

Título do Trabalho: Egoísmo racional: possibilidades e limites de uma ética do interesse próprio

Resumo: O egoísmo racional será apresentado como uma teoria que sustenta que diante de questões morais o agente, racionalmente, rejeitará as opções que impliquem em sacrifício, adotando a postura mais vantajosa para seus próprios interesses. Argumentar-se-á ainda que a existência individual e separada das pessoas leva ao surgimento incontornável do egoísmo em situações morais. A plausibilidade do egoísmo racional remeterá à seguinte questão: *Como um agir ético que tem como motivação primeira o interesse individual se viabiliza diante da gama de relacionamentos requeridos pelas interações sociais e dos quais o agente depende?* As dificuldades para a defesa de uma ética egoísta vão desde uma concepção popular que associa o egoísmo à maldade, à excessiva vaidade e à prepotência até a argumentos mais elaborados atinentes à inconsistência lógica da teoria e, conseqüentemente, ao menosprezo pelos relacionamentos sociais. A perspectiva egoísta, dizem os críticos, exagera na independência do indivíduo em detrimento da interdependência mútua, negligenciando os relacionamentos como motivação para a moralidade. Por outro lado, as reflexões do artigo buscarão uma caracterização do egoísmo racional como *motivação parcial* para a ação moral dos agentes. A hipótese subjacente a esse argumento é de que, para além de uma absolutização da motivação exclusivamente egoísta, é possível defender um “egoísmo tamanho econômico”, em detrimento de um egoísmo puro ou extremo, segundo o qual o comportamento egoísta do agente não é contraditório com a consideração genuína pelos interesses dos outros.

Palavras-Chave: ética, egoísmo.

Nome: Antônio Lázaro Vieira Barbosa Junior

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: Derrida, Singer e os animais.

Resumo: Os filósofos Jacques Derrida e Peter Singer dedicaram parte de seu tempo a entabular problemas sobre os animais, seja no quadro de uma investigação conceitual de ordem metafísica, seja no quadro de uma abordagem ética. Neste trabalho, pretendo confrontar os argumentos de ambos acerca do animal, demonstrando as possíveis proximidades e diferenças entre eles. Os conceitos de *animot* (Derrida) e especismo (Singer), que serão empregados nesta tarefa, se afiguram aqui centrais para o debate, pelo fato de denunciarem o lugar secundário tradicionalmente atribuído aos animais, tanto no campo filosófico quanto no dia-a-dia das empresas de alimentos e da pesquisa científica. Finalmente, pretendo assinalar a urgência dos debates em torno dos animais, apontando sua importância tanto para os animais em geral como para os próprios seres humanos.

Palavras-Chave: filosofia contemporânea, ética aplicada, animais e filosofia.

Nome: Cláudia Passos

Instituição: UFRJ

Título do Trabalho: For Empathy. A response to Prin'z arguments against empathy.

Resumo: I will defend the claim that empathy, understood either as emotion or as imaginative cognitive process, is fundamental to the development of the moral agent, and the absence or deficiency of these processes leads to the lack of an important aspect of our morality. The prevailing view in moral psychology argues that empathy and sympathy play a key role in our morality and pro-social and altruistic actions. But there is little consensus on what would be the emotions of empathy and sympathy, and what is its real role in our morality. Recently, Jesse Prinz challenged this view and showed the problems of a morality based on empathic emotions, showing that empathy does not exert a foundational or causal role in our morality, and, very much to the contrary, the presence of empathic emotions would be harmful to our morality. Based on recent research on moral development, I will argue that there are aspects of our morality for which empathic feelings are fundamental and necessary, and that a morality that exempts empathic feelings would undermine these aspects. I intend to mitigate the claim that empathy is not required for morality, by showing that, depending on the moral system that we advocate, empathy may be considered a prerequisite for developing the moral agency generated by our evolutionary history. I will refute two points: 1) empathy does not play a role in our moral development, 2) there is no moral benefit associated with empathic feelings.

Palavras-Chave: empatia, psicologia moral, emotivismo.

Nome: Diany Mary Falcão Alves

Instituição: UECE

Título do Trabalho: O *Princípio Responsabilidade* de Hans Jonas: Uma crítica às éticas tradicionais.

Resumo: No *Princípio Responsabilidade*, a ideia central de Hans Jonas é a de fundamentar metafisicamente uma ética em vista às gerações vindouras. Uma ética que seja pautada pela responsabilidade, e que estabeleça uma nova postura do homem em relação ao mundo. Diante da vulnerabilidade do homem e da natureza, a ética sobre o princípio responsabilidade se mostra essencial para proteger o homem dos efeitos irreversíveis que a ciência, juntamente com a tecnologia moderna, estabelecem. Segundo Jonas, o poder tecnológico contém uma dimensão ameaçadora e perigosa, não só no campo individual, mas no âmbito coletivo, este poder impõe o risco de desfigurar

a essência do homem e da natureza. Destaca Jonas as limitações das éticas tradicionais. Primeiro, os resultados do agir humano só eram considerados num limite espaço-temporal próximos ao agir, ou seja, o bem e o mal referiam-se as ações imediatas. Logo, em uma perspectiva de longo prazo, tudo era considerado destino ou providência. Segundo, a ética permaneceu ao longo da tradição como uma ética antropocêntrica e simétrica, da qual tratou apenas das relações entre pessoas, não estando inseridas em suas questões as relações do homem com a natureza. Partindo das limitações da ética tradicional, Jonas justifica a necessidade de uma nova ética, que tenha como horizonte de sua projeção o futuro desconhecido, o direito dos que ainda não existem e, que estabeleça como referência não somente o homem mas a vida do cosmo. Dessa forma, o autor expõe a necessidade de um novo paradigma ético ancorado numa metafísica do ser que reconheça o valor deste na sua existência, juntamente com a natureza.

Palavras-Chave: Ética, Responsabilidade, Metafísica.

Nome: Douglas André Gonçalves Cavalheiro

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: As Características Antinaturais do Historicismo

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo avaliar a relação do aspecto antinatural das doutrinas que fundamenta-se no historicismo, realizada por Karl Popper na *Pobreza do Historicismo*. Popper estabelece uma crítica às ciências sociais que se fundamentam como pilar central no historicismo. O filósofo afirma que o historicismo é uma tentativa do homem de controlar o tempo com o fim de lançar previsões sobre o futuro. Essas tentativas provêm de uma perspectiva de perceber a sociedade como um complexo conectada como um organismo vivo, conhecido por holismo. Sobre essa visão que se fundaram os regimes os regimes totalitários no decorrer do século XX. Popper demonstra que a história de toda a sociedade é impossível de ser padronizada em padrões históricos determinados numa escala evolucionista como se é realizado nas ciências exatas. Assim, como o homem não tem capacidade de apreender toda a realidade num único sistema, não é possível haver previsão para as ações individuais. Faz parte da natureza da história a impossibilidade lógica de profetizar o futuro da história para qualquer sociedade. As teorias historicistas fazem com que o homem vem a ter que negar a realidade da natureza do tempo e passa a seguir a doutrina ideológica mais que a realidade. Dessa forma emergi o totalitarismo, que são organizações sociais que se propõe a estabelecer uma visão do tempo controlado e traçar visões futuristas para a sociedade. O determinismo do historismo não somente leva ao totalitarismo como também é uma quimera utópica, por isso, antinatural.

Palavras-Chave: Historicismo, Totalitarismo, Utopia.

Nome: Erica Costa Sousa

Instituição: UFCE

Título do Trabalho: Epicuro e Nietzsche: o corpo como percepção de mundo e construção de uma “consciência” ética.

Resumo: O presente trabalho, *Epicuro e Nietzsche: o corpo como percepção de mundo e construção de uma “consciência” ética*, tem o principal objetivo analisar como os dois filósofos entendem a relação do corpo com o mundo, fundamentalmente no que diz respeito nas percepções desse para a formação de um pensamento. As afecções fazem parte da filosofia de ambos quando dizem que “corpo e alma” são indissociáveis e capazes de formar uma memória no homem. A gnosiologia epicurista é rigorosamente

sensista, pois tem as sensações como seu principal fundamento. Todo o nosso conhecimento deriva da sensação, uma reunião ou conexão de sensações, constroem ser como indivíduo material, que constitui uma realidade originária. Essa forma de pensar corpo como percepção de mundo é uma ideia que está intrínseca também nas obras nietzschianas quando ele inicia as suas críticas a moral cristã a qual tem como principal fundamento a negação das sensações corpóreas. Portanto, ao fazer a comparação entre as sensações corpóreas tanto em Epicuro quanto em Nietzsche, há uma relação em ambos da ligação entre afetos e mundo como esses compõem a memória, a consciência e principalmente como servem como formadores de um pensamento ético no homem devem haver uma união harmoniosa entre pensamento racional e afetos para que haja a formação de uma subjetividade a qual possui valores e atitudes que formam o agir ético.

Palavras-Chave: Sensações, Corpo e Ética.

Nome: Fábio José Barbosa Correia

Instituição: Faculdade Decisão/Faculdade Damas

Título do Trabalho: A questão da liberdade em Agostinho de Hipona e suas implicações éticas e morais.

Resumo: A questão da liberdade sempre foi um tema recorrente nas obras de Agostinho de Hipona. Por sua natureza essencialmente difícil e polêmica, esse assunto rendeu grandes debates na história da humanidade. Nenhum deles, entretanto, pode ser comparado aos embates travados por Agostinho contra os Maniqueus e, especialmente, contra o monge irlandês Pelagius. É o homem livre, possuidor de uma liberdade tal que não permita nenhum tipo de inclinação de sua vontade nem para o bem nem para o mal? Ou, antes, é sua vontade, de alguma forma, predeterminada pelo destino ou ainda por uma vontade soberana? Outros importantes assuntos estão diretamente ligados ao grande tema da liberdade, a exemplo do Livre-arbítrio, Graça, Necessidade, Providência divina, Problema do mal e a questão dos Futuros contingentes. Assumir postura face a esse importante tema é, também, assumir todos os ônus e bônus que estão imbricados nas questões ética e morais. Agostinho, um filósofo a frente do seu tempo, não se furtou a dar sua importante contribuição nesse debate. Sua abordagem, além de atender as exigências racionais-filosóficas, também estabelece uma importante base para a teologia e para outras áreas do saber. Procuraremos demonstrar a visão de Agostinho sobre o assunto, bem como as consequências assumidas por ele, no que diz respeito à questão da Liberdade, observando, inclusive, a evolução e possíveis variações em sua forma de pensar esse que é um dos temas mais importantes da humanidade.

Palavras-Chave: Liberdade, Ética, Moral.

Nome: Fortunato Monge de Oliveira Neto

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: Rawls e o *enhancement* cognitivo

Resumo: Rawls faleceu em 2002 quando o debate sobre o *cognitive enhancement* ainda não havia se colocado, mas já existia o debate entre bioconservadores e pós-humanistas. E ele em *Uma Teoria da Justiça* demonstra que é a favor dos pós-humanistas. Com base nesse e em outros indícios é possível sustentar a tese de que Rawls seria a favor do *enhancement*. Nesse sentido, este artigo se propõe a especular como o conceito de justiça de Rawls, passando pelo seu conceito de véu de ignorância, loteria natural e razão pública, contribuiria no debate realizado por autores como Bostrom, que defende o *cognitive enhancement* dentro de determinados critérios; Savulescu, que pretende que

o mesmo seja precedido de um moral *enhancement* e Harris, que pretende que o *cognitive enhancement* é positivo se controlado de forma a gerenciar riscos. A interpretação de Rawls será orientada pela leitura de Eva Orlebeke Caldera, que trata diretamente da relação dele com o *cognitive enhancement*. A análise será exemplificada com o aprimoramento cognitivo através de substâncias químicas como Adderal e Ritalin, que tem um uso crescente mesmo sem avaliar os impactos sobre a saúde humana.

Palavras-Chave: *cognitive enhancement*, justiça como equidade, loteria natural.

Nome: Gabriel Garmendia da Trindade

Instituição: UFSM

Título do Trabalho: Institutionalized animal exploitation and violent direct action: Contemporary global issues

Resumo: According to the *Food and Agriculture Organization* (FAO/UN) statistics report from 2007, humans are slaughtering about 56 billion sentient nonhuman land animals per year for food. The institutionalized use of aquatic animals for food, and of nonhumans in biomedical and cosmetic research, the fashion industry, and entertainment also contributes to the killing of billions more. However, such activities have been seen as unjust and morally unacceptable by many people around the world. In fact, the ethical relationship between human beings and nonhuman animals is the main subject of numerous philosophical, sociological, and political writings worldwide. Nevertheless, given the difficulty of persuading consumers and the international market to abandon those practices for the benefit of humans, nonhumans, and the environment, some activist groups began to support the use of violent direct action to achieve their goals. For instance, the group called *Animal Liberation Front* (ALF) advocates sabotage, destruction of property, and open rescue as ways to inflict economic damage on those who profit from animal exploitation. Because of this, ALF is listed as the number one domestic terrorist threat by US government. In view of the above, the present paper aims to address the use of violence in defense of nonhuman animals as discussed in the writings of Peter Singer, Tom Regan and Gary L. Francione. Ultimately, it will be argued that the urgency of addressing those issues can only be properly understood by looking at them in a global context.

Palavras-Chave: Animal Liberation Front, Direct Action, Civil Disobedience.

Nome: Gilson Ruy Monteiro Teixeira

Instituição: UESB

Título do Trabalho: O conceito espinosiano de Natureza e suas (possíveis) relações ético-ecológicas

Resumo: A relação entre o conceito espinosiano de natureza e a compreensão de ecossistema é objeto desta comunicação. O conceito de natureza em Espinosa é polissêmico: engloba tanto a totalidade do real quanto as coisas particulares em seu estatuto ontológico. A partir da leitura da *Ética* pode-se compreender que há um movimento constante por parte do homem em compreender a realidade. O conceito *Deus sive Natura* se apresenta como elemento propulsor e dinamizador da relação entre o *naturante* e o *naturado*. Não há aqui somente uma mediação, mas uma pertença ou copertença que se retroalimenta formando um ecossistema. Os movimentos dicotômicos que marcam a metafísica ocidental são suprimidos na medida em que há uma participação completa e dinâmica, constituindo-se uma única realidade. O homem encontra-se inserido nela; faz parte da natureza. Suas ações são ações éticas em uma

realidade complexa, mas unitária em sua Natureza. Do ponto de vista da ética, a pesquisa aqui apresentada, tem por objetivo discutir as implicações conceituais entre metafísica e ética na relação com a questão ambiental, ecológica. Utiliza-se a obra de Espinosa e a interpretação que lhe dá Espinosa Rubio como instrumental teórico-conceitual.

Palavras-Chave: natureza, ecossistema, ética.

Nome: José Erivaldo da Ponte Prado

Instituição: UECE

Título do Trabalho: Responsabilidade ontológica e ética do agir em Hans Jonas

Resumo: A obra “*O princípio responsabilidade*” [1979] de Hans Jonas, compreendida como um *tractatus technologico-ethicus* tenta resgatar à imagem do homem grego obscurecida pela tecnologia. Ao apresentar a responsabilidade como categoria ontológica, Jonas pretende sinalizar ao homem um agir prudente frente às inovações tecnológicas e às propostas de futuro da humanidade. O princípio ontológico de Jonas encontra sua fundamentação na filosofia de Martin Heidegger e no seu questionamento acerca do ser. A categoria ontológica da responsabilidade deverá implicar para Jonas uma ética como doutrina do agir. A questão do ser, eclipsada em virtude de uma preponderância da dimensão racional desde Aristóteles, alcança seu apogeu no iluminismo. Partindo da crítica ao iluminismo, Jonas conduzirá seu discurso aos efeitos da tecnologia sobre a existência humana e sua integridade física. Surge aqui o questionar acerca dos fundamentos da ética tradicional e o seu enfraquecimento frente à técnica moderna, cuja essência não identificada assume novas proporções diante dos poderes do homem de intervenção na natureza. Essa segunda natureza ou natureza nova exige um agir responsável de alcance e amplitude proporcionais ao nosso poder.

Palavras-Chave: Responsabilidade, Tecnologia, Natureza.

Nome: Marcello Henrique Medeiros de Paiva

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: Ética e metafísica em Plotino

Resumo: Uma das muitas singularidades da filosofia na época helenística e romana é o fato de que muitos filósofos confundiam o seu pensamento com o próprio modo de viver. Como o último filósofo antigo Plotino não fugiu ao modo de proceder, dento Hadot observado que os 54 tratados do filósofo podem ser compreendidos como “exercícios espirituais nos quais a alma se esculpe a si mesma, ou seja, se purifica, se simplifica, se eleva ao plano do pensamento puro antes de transcender-se no êxtase”. O pensamento de alexandrino vai além do discurso filosófico, troca a dureza do linguajar técnico pelo encantamento da metáfora, propõe que através da filosofia, na senda da razão, e da virtude o homem possa buscar a purificação (*katharsis*) da alma (*psyché/anima*). Pensando a ascensão da Alma para o *Nôus* e deste para o Uno como uma forma de purificação do próprio homem, o trabalho desenvolvera a possibilidade de uma doutrina ética em Plotino como uma ideia de importância para a vida e o pensamento do filósofo licopolitano.

Palavras-Chave: amizade, ética, Plotino.

Nome: Márcio de Lima Pacheco

Instituição: UNIR

Título do Trabalho: Ricoeur e o mal: o pensar o mal a partir do relato bíblico

Resumo: O mito, ou o relato, de Adão é sem dúvida um mito antropológico, que relaciona o homem com o mal. O homem nos mais diversos credos se considera autor do mal e refém, por conseguinte, de uma constituição má que é antecedente a todo ato singular. Tal relato tenta nos mostrar como se deu a separação da criação boa para um momento de perdição. Deste modo, entra aí uma bipolaridade: a) o mal como concepção mágica a um esquema de interioridade (*malum culpa*); b) uma tendência que remete o mal para além do ser humano e o concentra em uma má escolha. Pretende-se desta forma, esboçar como Ricoeur opõe-se a uma tradição gnóstica, que coloca o mal como uma realidade, uma substância, algo que envolve e atrai, para pensar o mal como aquilo que ameaça o pensamento, pensamento esse que se pergunta pela origem, pelo porquê.

Palavras-Chave: Paul Ricoeur, Mal, Homem, Substância.

Nome: Maria José da C. Souza Vidal

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: Sobre o respeito como sentimento moral

Resumo: Nesse estudo, faremos uma abordagem da noção kantiana do respeito como um sentimento moral. Trataremos de apontar as relações entre a definição desse sentimento com a compreensão de vontade, razão prática, lei moral e liberdade, no âmbito da filosofia moral de Kant. Cumpre destacar que o respeito, enquanto sentimento moral é o único que podemos ter conhecimento racional completo a priori, acerca do qual temos certeza da sua necessidade, pois esse se dá como uma produção, com base intelectual, portanto não tem fundamento empírico. O respeito pode se dar de dois modos, a saber, um negativo e outro positivo e, se efetiva como uma promoção da liberdade, sendo produzido pela razão prática. Não se constitui enquanto motivo da moral, mas se configura na própria moralidade. Ressaltando que o sentimento do respeito se dirige, ou noutros termos se relaciona sempre com pessoas, seus exemplos, suas ações que representam ou inspiram a moral e nunca a coisas ou objetos. Bem como, não podemos recusá-lo, isso significa que é uma questão de merecimento, assim também não podemos evitar senti-lo.

Palavras-Chave: Respeito, sentimento moral e Kant.

Nome: Renato de Medeiros Jota

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: A controvérsia entre senso moral e empirismo na filosofia de David Hume

Resumo: O senso moral inglês destaca o papel dos sentidos como fonte do conhecimento ético e epistêmico do homem. Essa ideia nos remete a nova forma de pensar o conhecimento na modernidade que tenha como base a experiência, como por exemplo, a filosofia natural. Portanto, os filósofos que valorizam a experiência comumente são chamados de empiristas. Hume como legítimo representante desse pensamento filosófico, defende a interpretação dos fenômenos obtidos pelos sentidos semelhante com aqueles encontrados na filosofia natural o que contribuiria para a sua concepção da ciência do homem. Entretanto, sua posição empirista parece ser incompatível com os dados obtidos pelos sentidos, na medida em que os sentidos restringirem-se, apenas, aos fenômenos não podendo extrapolar os limites do observável. Enquanto a experiência pressupõe o contrário, a saber, eventos observados anteriormente são projetados para o futuro mesmo quando não vieram a ser constatadas

pelos sentidos. Esta aparente contradição existente entre a teoria perceptiva de Hume e seu empirismo, pareceria inviabilizar seu projeto de formação de uma ciência do homem a primeira vista e transformou-se em um problema para seus interpretes a respeito de seu senso moral. Portanto, o objetivo dessa comunicação procura identificar na suposta contradição do senso moral de Hume os pressupostos básicos que levaram a essa controvérsia.

Palavras-Chave: Senso moral, empirismo, conhecimento.

Nome: Waleska Mendes Cardoso

Instituição: UFSM

Título do Trabalho: Teorias morais abolicionistas como justificativa coerente para resolver questões fáticas envolvendo animais e humanos: uma problematização ético-filosófica sobre o estatuto dos animais.

Resumo: Debates envolvendo uso, abuso, trato e mau-trato com animais já ocupam espaço no cenário jurídico-político brasileiro. Com a inclusão da proibição de atos cruéis contra animais, no artigo 225, a Constituição Federal trouxe bem mais do que rasa proteção legal aos animais, inaugurou uma nova disciplina – Direitos Animais – que discute além do novo estatuto jurídico e moral dos animais, também os conflitos entre princípios basilares constitucionais. A Carta Magna estabelece as garantias e direitos fundamentais dos indivíduos, como liberdade de crença e culto religioso, no mesmo patamar do direito fundamental ao meio ambiente ecologicamente equilibrado e da proteção dos animais. Antes do texto de 1988, e numa interpretação antropocêntrica das normas positivas, não haveria problema nos múltiplos usos dos animais. Todavia, hoje, é possível trazer para o nível institucional, o debate ético sobre a relação entre animais e humanos, que já é seriamente enfrentado, no exterior, desde a década de 70. O sacrifício de animais em cultos religiosos é pano de fundo do presente trabalho para resolver o choque entre princípios de mesma hierarquia, recepcionados pelo Direito Positivo. Neste artigo, traz-se uma abordagem abolicionista para fundamentar a proibição do sacrifício de animais, bem como a extinção das outras formas de exploração animal. A partir de uma concepção que atribua direitos morais aos animais, ao reconhecer-lhes valor inerente, pode-se resolver o conflito fático apresentado e fundamentar de maneira coerente a proteção jurídica efetiva que se quer destinar aos animais.

Palavras-Chave: Direitos animais, teoria moral abolicionista, ética animal.



**GT HISTÓRIA E CRÍTICA DA
METAFÍSICA**

PALESTRAS

Nome: Evaldo Sampaio

Instituição: UNB

Título do Trabalho: Nietzsche é um antimetafísico?

Resumo: Vários estudos situam a filosofia de Nietzsche a partir de sua polêmica relação com a “tradição metafísica”. Há assim aqueles que, como Martin Heidegger (*Nietzsche*), consideram que o próprio Nietzsche pertence à tradição metafísica, mesmo que como seu fatídico ponto de dissolução. Há outros, como Michel Harr (*Nietzsche et la Métaphysique*) e Peter Poellner (*Nietzsche and Metaphysics*), que interpretam o pensamento de Nietzsche como um exitoso projeto de “superação da metafísica”. Há também aqueles que, como John Richardson, buscam mostrar que as ideias de Nietzsche, contra sua própria inclinação conceptual, constituem elas mesmas um “sistema metafísico” (*Nietzsche’s System*). Minha hipótese é de que o erro comum a essas diferentes leituras está em interpretar a crítica de Nietzsche às doutrinas metafísicas como fundada essencialmente no plano ontoepistemológico. Desse modo, desconsideram que Nietzsche concede maior relevância ao âmbito moral (ou extramoral) do que ao ontoepistêmico e, por isso, não está em conflito direto com as pretensões “para além da experiência” das doutrinas metafísicas e sim com os pré-juízos morais que supostamente conduzem tais pretensões. É sobretudo nesse sentido extramoral que Nietzsche se pode dizer um crítico da metafísica. No entanto, espero justificar que essa crítica se destina às doutrinas que até então vigoravam e não a própria ideia de uma “metafísica”. Por uma leitura histórico-conceptual do controverso §370 da *Gaia Ciência*, viso esclarecer por que Nietzsche, embora Nietzsche não se comprometa com a dissolução, superação ou assimilação da metafísica ocidental, pode contribuir para uma possível revitalização da própria metafísica.

Palavras-Chave: História da Filosofia Moderna; Crítica da Metafísica; Nietzsche, F.

Nome: José Teixeira Neto

Instituição: UERN

Título do Trabalho: O universo como “unidade de muitas coisas” no Livro II do *De docta ignorantia* de Nicolau de Cusa.

Resumo: Nicolau de Cusa apresenta o *De docta ignorantia*(1440) como contendo suas “ideias bárbaras e frívolas” e como “um certo modo de raciocinar sobre as coisas divinas”. Ele admite certa “novidade” no título, mas também reconhece que ali não se encontrará algo de “desconhecido antes” e o que chamará a atenção do Cardeal Cesarini, a quem a obra é enviada, é a audácia com que ele trata a douta ignorância. O texto está dividido em três livros cujo caráter unitário se sustenta no conceito de “máximo”. Se o primeiro livro é uma investigação sobre o *máximo absoluto* “que na fé de todos os povos se crê, sem dúvida ser Deus”, o segundo será uma investigação sobre o universo ou *máximo contraído*. De modo geral, além do Prólogo, poderíamos dividir o segundo livro em três momentos: um primeiro momento (capítulos I-VI) no qual Nicolau se preocuparia em determinar a unidade do universo; um segundo (capítulos VII-X) no qual ele discute sobre a trindade do universo e um terceiro e último momento (capítulos XI-XIII) no qual vamos encontrar a cosmologia cusana. Em nosso texto nos preocuparemos com os dois primeiros momentos buscando esclarecer os termos e os conceitos principais que justificarão a ideia de que para o Cusano o universo deve ser pensado como um organismo que se constitui pela unidade e pela relação entre todas as coisas. Essa ideia permitirá não somente que ele reafirme a verdade da frase de

Anaxágoras (qualquer coisa em qualquer coisa), mas também que reinterprete alguns motivos do neoplatonismo e da física aristotélica.

Palavras-Chave: Universo, Unidade, Relação.

Nome: Maria de Fátima Batista Costa

Instituição: FAFICA (Caruaru); ESUDA e ESTÁCIO (Recife)

Título do Trabalho: A necessidade de desconstrução da metafísica em Martin Heidegger

Resumo: Para Martin Heidegger a metafísica é a questão primeira do pensamento ocidental não em ordem de originalidade ou importância, mas porque é o solo a partir do qual se alimenta a questão do ser, a diferença entre ente e ser. Portanto a desconstrução funciona como o refinamento, aprofundamento ou acabamento das questões fundamentais da metafísica. Para Heidegger, “o pensar não supera a metafísica, enquanto ainda mais a exacerba, ultrapassa e a sobressume em qualquer lugar, mas enquanto recua para a proximidade do mais próximo”. (*Carta sobre o humanismo*) A radicalização das questões da metafísica revelará o que há de Metafísico no homem: o ser. Segundo Heidegger, “(...) o pensar que pensa desde a questão da verdade do ser pensa mais radical e originariamente do que a Metafísica é capaz de questionar”. (*Carta sobre o humanismo*, 168). Para o filósofo é “...a própria estrutura do ser do homem que deve ser esclarecida em primeiro lugar (...) no sentido em que o homem é lugar em que o sentido do ser se manifesta, se revela”. (*Ser e Tempo*). O homem não é outra coisa senão a própria pergunta pelo ser, e sendo assim, a ontologia fundamental é a radicalização do próprio ser do homem que ao interrogar-se põe a si mesmo como a questão. Na primeira fase do pensar de Heidegger, a crítica ao pensamento ocidental e a pretensão de superação da metafísica é concebida num sentido extremamente positivo, que é o de buscar uma fundamentação para este. Trata-se de voltar ao fundamento da metafísica ocidental através da tematização do sentido do ser que lhe serve de fundamento. Como comenta Manfredo: “(...) a superação da Metafísica (*forma concreta da filosofia ocidental*) se efetua através de seu aprofundamento, realizado através da ontologia fundamental, que busca esclarecer o próprio fundamento da Metafísica” (*Heidegger e o fim da filosofia*).

Palavras-Chave: Ser, Pensar, Metafísica.

Nome: Pablo Enrique Abraham Zunino

Instituição: USP

Título do Trabalho: Metafísica e intuição em Bergson

Resumo: A filosofia de Bergson é uma valorização do tempo enquanto experiência imediata. Aproximar-nos dessa apreensão exige que nos esforcemos no sentido de intuir o tempo como uma *evolução criadora* e não mais como uma “questão” filosófica. A metafísica clássica, segundo nosso autor, tratou a temporalidade de maneira estática, conceitual, perdendo o caráter movente desse processo em vias de realização. Com efeito, a separação intelectual que operamos nessa totalidade dinâmica promove uma redução condizente com a *metafísica da forma*, aquela que privilegia a “forma” em relação à formação, a estrutura em relação ao processo, deixando escapar o movimento constituinte para extrair dele suas formas. Bergson vai se contrapor a essa metafísica, olhando o mundo a partir da primazia da *diferença*. Ao abandonar as prerrogativas lógicas do princípio de identidade, o filósofo denuncia o pressuposto do *Ser eterno e imutável* como fundamento da metafísica tradicional. O projeto bergsoniano de re-

instauração da filosofia deverá demonstrar a possibilidade de *outra* metafísica, compatível com a experiência imediata da duração psicológica, aquela que nos devolve a passagem real do tempo. Nesta palestra, portanto, pretendemos examinar a relação entre a *metafísica da duração* e o *método de intuição* propostos por Bergson, problematizando a noção de “intuição”, já que, enquanto “ato”, ela supõe uma apreensão imediata, porém, ao afirmar-se como método, implica uma “mediação”, isto é, um trabalho de análise crítica sem o qual não se chega à intuição. Como conciliar, então, o mediato com o imediato?

Palavras-Chave: metafísica, intuição, método.

COMUNICAÇÕES

Nome: Alfran Marcos Borges Marques

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: Tempo e criação no domínio social-histórico

Resumo: Dando prosseguimento aos desdobramentos do modo como o ser para si é um processo constante e ininterrupto de autocriação no domínio do social e histórico, Cornelius Castoriadis aponta para o atributo essencialmente criador do tempo. Tal conclusão a respeito do Ser, do tempo e da criação permaneceu obscura para a ontologia tradicional porque esta entendeu que não existe nada além de acontecimentos obedientes às leis e processos históricos determinados pelo espírito absoluto. Isso implica em afirmar que o tempo é uma ilusão diante do que é desde sempre e para sempre e se algo se modifica suas condições de mudança podem ser totalmente explicadas, seja pela teoria científica, seja por uma noção de unicidade da história. A partir deste ponto, Castoriadis analisará os impactos do uso inteiramente novo dos termos forma, organização e ordem dentro do domínio do social-histórico, demonstrado a impropriedade em utilizá-los do mesmo modo ao que se aplicam os termos na matemática, física e biologia. Aponta que as sociedades, sempre no plural, são mantidas pela coesão da instituição social como um todo que pode ser assegurada superficialmente pela coerção e sanção, ou mais profundamente pela adesão, apoio, consenso, legitimidade e crença. E esta organização geral da sociedade é resultado da transformação da matéria-prima humana, composta pelo núcleo da psique (a mônada psíquica), para o indivíduo social que engloba as instituições e os mecanismos de perpetuação e criação.

Palavras-Chave: social-histórico, tempo, instituição social.

Nome: Amanda Viana de Sousa

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: Vida sem-porquê em Mestre Eckhart: desprendimento e cotidiano

Resumo: A presente comunicação tem por finalidade expor uma reflexão sobre a concepção de vida entendida como *sem-porquê* a partir das obras espirituais de Mestre Eckhart. Seguindo o pressuposto do desprendimento, procura-se compreender e explicitar a concepção de vida *sem-porquê* como a irrupção que des-vela Deus e homem. Assim, descreve-se primeiramente uma reflexão do que é o desprendimento de acordo com três dimensões: ôntica, ontológica e mística. A onticidade da pobreza absoluta nos remete imediatamente a uma análise do ontológico de todo ôntico, que para Eckhart é o ser de Deus em sua deidade, inapreensível para o homem. Entretanto, a

análise do ser de Deus nos leva para a vida humana novamente - a unidade entre o ontológico e o ôntico no mundo. A dimensão mística fundamenta essa unidade como totalmente sem-porquê. Mas a possibilidade de falar e pensar sobre o desprendimento se faz a partir da manifestação da vida mesma. Não existe sermão definitivo, método milagroso, caminho percorrido ou estratégia eficaz para tal fim – é na realização da vida que se é capaz de perceber o ressoar da auto-denúncia divina que nos escapa. É difícil expressar a profundidade do pensamento eckhartiano em relação a sua concepção de vida, pois todo seu esforço é resguardar o vigor desse des-velamento do enclausuramento de uma determinação. Com isso, não existe rotina e determinação em Mestre Eckhart. Todo o ordinário é o espelho do extraordinário e todo clamor eckhartiano tem em vista a urgência de restabelecer a unidade do que é corriqueiro pelo viés do que é essencial.

Palavras-Chave: Desprendimento, cotidiano, vida sem-porquê.

Nome: Ana Carla de Abreu Siqueira

Instituição: UFCE

Título do Trabalho: Linguagem e Metafísica em Ser e Tempo

Resumo: O objetivo deste trabalho é fazer uma breve explanação sobre a abordagem que o filósofo alemão Martin Heidegger faz da linguagem na sua principal obra *Ser e Tempo*. Nessa primeira fase de seu pensamento, Heidegger ainda não dá tanto enfoque à questão. Entretanto, faz valiosas considerações iniciais sobre um dos temas que irá constituir um dos principais temas de sua pesquisa após a virada (*die Kehre*). Para isso, será feita uma apresentação de seu contexto filosófico, partindo de sua crítica à metafísica clássica e à filosofia da subjetividade. Serão feitas ainda considerações sobre o *Dasein* como ser dotado de linguagem e de um primado ontológico diante dos entes intramundanos, onde sua analítica existencial tem fundamento em sua situação de ser-no-mundo. Desse modo, será possível perceber como Heidegger trata do tema em relação à compreensão e interpretação, dimensões constitutivas do homem, visto aqui como abertura e a linguagem, tomada como esfera mediadora e não mais como mero instrumento.

Palavras-Chave: Metafísica. Linguagem. Compreensão.

Nome: Carlos Bezerra de Lima Júnior

Instituição: UFPB

Título do Trabalho: Sobre o deserto da deidade em Meister Eckhart: diferenças entre deus e divindade

Resumo: O presente estudo visa explicar sistematicamente a diferença entre deus e divindade na mística especulativa do filósofo medieval Meister Eckhart. Faz-se, para isso, necessária uma investigação acerca do conceito de deus, e também acerca da impossibilidade de imputar atributos à deidade, o que configura em Eckhart uma espécie de teologia negativa. Nesse caso, deus seria apenas uma imagem da divindade, assim como também seriam imagens a trindade. A imagem não revela a deidade, mas engana o homem, em sua externalidade, na qual tudo é relativo e temporal. O autor faz uso dessa distinção em correspondência ao desprendimento do homem, pois o homem desprendido é aquele que se regozija no deserto da divindade, é aquele que comunga com ela. Para o homem entregue ao mundo da impermanência, a divindade é um mistério insondável, um princípio inefável de tudo aquilo que por ele é gerado. O presente trabalho é, portanto, uma pesquisa bibliográfica que se sustenta através de um

estudo das obras latinas e alemãs do próprio Eckhart e também de comentadores, construindo assim um argumento que esclareça essa distinção, relevando sua importância ao entendimento da mística do autor, cujo conhecimento é indispensável para a compreensão da metafísica do século XIV, sobretudo da metafísica empreendida na mística renana.

Palavras-Chave: Metafísica, Deus, Meister Eckhart.

Nome: Cláudia Dalla Rosa Soares

Instituição: UERJ

Título do Trabalho: *Pensiero debole* e fim da metafísica: Gianni Vattimo e a crítica à fundamentação

Resumo: Na segunda metade do século XX, inaugura-se certa orientação filosófica como expressão de uma outra forma de se pensar, despojada das características autoritárias do pensamento fundacionista, a saber, o *pensiero debole*. Tal proposta filosófica, na qual se insere o filósofo Gianni Vattimo (1936-), segue uma orientação estético-hermenêutica como resposta aos problemas atuais, considerando as transformações ocorridas na sociedade contemporânea. Para Vattimo, a contemporaneidade é o momento em que se experimenta a Verdade e seu valor absoluto apenas como justificativa ideológica da dominação e da violência. Tal acontecimento possibilita a vivência de “significações difusas” como potencialidade positiva de uma experiência “declinante” dos valores. Nesse sentido, o *pensiero debole* é uma crítica em relação a tudo que pretende se apresentar como fundamento último e universal, sendo assim uma maneira de se interpretar não apenas a história da filosofia, mas principalmente as mudanças sócio-culturais ocorridas no tempo presente. Por isso o *pensiero debole* é uma filosofia que dispensa os princípios primeiros, que nasce como reconhecimento dos riscos do pensamento fundacionista, sendo, dessa forma, a resposta mais adequada à época do pluralismo da modernidade avançada. Esta comunicação objetiva apresentar a crítica vattimiana ao pensamento fundacionista, destacando o lugar paradigmático ocupado pela experiência estética no que concerne à crítica à racionalidade metafísica e à ordem existente.

Palavras-Chave: metafísica, *pensiero debole*, pós-modernidade.

Nome: Fábio Rocha Teixeira

Instituição: USP

Título do Trabalho: Antigos e Modernos na história da civilização: Giacomo Leopardi e a metafísica como questão

Resumo: Em suas observações de certa evolução histórica, relativa ao deslocamento meridional-setentrional da civilização, Giacomo Leopardi (1798-1837) identifica, em seu *Zibaldone di pensieri*, a presença de um “resíduo de imaginação” nos novos protagonistas da civilização, os setentrionais. Tal “resíduo” se revela na imaginação abstrata e metafísica, fruto mais da Filosofia e da razão, por se distanciarem da natureza e das “vagas ideias” oriundas da “imaginação primitiva”. Leopardi refuta os filósofos metafísicos e abstratos, em especial, os setentrionais alemães, pois na Literatura, na Filosofia e nas Ciências são aquilo que eram os antigos. Essas observações preparam as suas considerações sobre os setentrionais e, em particular, sobre as faculdades e modo de ser desses povos. Embora pareça que a imaginação seja neles algo muito caloroso e original, é antes Filosofia e profundidade, que imaginação, e a poesia deles mais Metafísica que Poesia, decorrentes mais do pensamento que das ilusões. A imaginação

nos setentrionais, por causa da pouca vida da natureza, funda-se no pensamento, na Metafísica, nas abstrações, na Filosofia, nas Ciências, no conhecimento das coisas. Se a Grécia e a Itália, na Antiguidade, *tempo do belo* e da imaginação, correspondem ainda à *pátria* e ao lugar, a inclinação natural dos setentrionais é a profundidade do entendimento, do verdadeiro, do melancólico. A Idade moderna é o tempo do pensamento, e o setentrião a sua *pátria*.

Palavras-Chave: Antigos, Modernos, Metafísica.

Nome: Felipe Rodrigues Costa

Instituição: UECE

Título do Trabalho: Da crítica da metafísica em Gianni Vattimo

Resumo: Estudando Vattimo podemos encontrar dois caminhos para fazer uma crítica à metafísica: um através da filosofia de Nietzsche e outro pela filosofia de Heidegger. Ambos os caminhos convergem na direção que concebe, de uma forma geral, a metafísica como pensamento violento, autoritário, construído a partir de estruturas fortes, que se fecham, muitas vezes, ao debate ou avaliação. A verdade que a metafísica vem apresentar mostra-se como algo irrefutável, outras vezes, até mesmo inquestionável. Em geral, torna-se uma busca por uma absolutização do real, da verdade, da fundamentação última. E, é justamente isso, que caracteriza a metafísica como um pensamento violento, pois não possibilita o diálogo aberto, ininterrupto, uma autoridade que cala sem dar as devidas explicações. Sobre esse aspecto, Vattimo, com base em Nietzsche e em Heidegger, abandonando o caráter da superação crítica no que concerne à metafísica, propõe que seja reconhecida a diferença ontológica entre ser e ente, rompendo assim com a dimensão objetivista da metafísica. É neste ponto que Vattimo afirma a abertura para uma concepção não-metafísica da verdade, ou seja, o pensamento fraco ganha espaço para reflexão na sociedade pós-moderna sobre vários aspectos. A questão da crítica da metafísica em Vattimo abre a possibilidade de pensar uma crítica as doutrinas totalizantes e autoritárias que marcaram a história da filosofia ocidental.

Palavras-Chave: Metafísica, Verdade, Violência.

Nome: Gleisson Roberto Schmidt

Instituição: UFSC

Título do Trabalho: A análise merleau-pontyana da diplopia metodológica da filosofia moderna.

Resumo: A pergunta acerca da estrutura, sentido e fundamento da *natureza* figura entre os problemas mais recorrentes na história da filosofia. Entre os temas deste debate figura o da relação entre *natureza* e *espírito*. A dificuldade consiste, sumariamente, na relação entre a natureza como domínio regido pelo causalmente determinável e passível de representação e o mundo dos valores, do sentido, da liberdade e da razão, tipicamente “humano”. À solução kantiana opôs-se o *naturalismo*, o qual, a galope da biologia, aboliu a divisão de princípio entre a natureza inorgânica e orgânica. Foi Merleau-Ponty (1908-1961) quem, especialmente em seus cursos dos anos 1950 no Collège de France, desenvolveu este tema sob a égide de uma “psicanálise da natureza”: retomando a ideia presente na *Phénoménologie de la perception* (1945), segundo a qual o ser humano é capaz, por conaturalidade, de encontrar um sentido em aspectos do ser “sem tê-los dado eu mesmo mediante uma operação constituinte” (p. 250), seus cursos sobre a natureza (1956 a 1960) mostram que ela é isso que possui um sentido, sem que o

sentido tenha sido posto por um pensamento. A natureza é, então, um *subjetivo-objetivo* que se torna incompreensível quando são separados ambos os elementos - como o fazem o naturalismo e seu contraponto, o idealismo. Este trabalho propõe-se reconstruir o percurso argumentativo do autor no que concerne à filosofia da natureza, o qual inclui a crítica da diplopia da ontologia ocidental (característica de suas primeiras obras) e a elaboração dos princípios que norteariam uma “ontologia não-separada”, uma filosofia que não é mais a oposição entre a reflexão e o irrefletido.

Palavras-Chave: Natureza; diplopia; ontologia.

Nome: Hilan Bensusan

Instituição: UNB

Título do Trabalho: Expressão e apreensão: A metafísica de *Whitehead* e a *monadologia de Leibniz* virado ao avesso

Resumo: A filosofia do processo, que em algum sentido remonta ao esforço pioneiro de repensar a monadologia de Leibniz por parte de Gabriel Tarde, encontrou sua primeira forma clássica na filosofia do organismo de *Whitehead* em *Process and Reality*. Ali há também uma clara inspiração leibniziana. Neste trabalho esboço a idéia de que *Whitehead* apresenta a metafísica de *Leibniz* virada ao avesso: apreensões ao invés de relações internas, entidades atuais ao invés de mônadas substanciais e processo ao invés de harmonia. É interessante considerar noções como a de contínuo extensivo, de inspiração claramente monadológica, que permite a *Whitehead* lidar com o problema da expressão em *Leibniz*. De uma maneira geral, as conexões necessárias internas da monadologia de *Leibniz* se tornam alianças contingentes na filosofia do processo. Alguns elementos, contudo, são mantidos, em particular o apelo à infinidade e ao infinitesimal – mônadas e entidades atuais são infinitas. As semelhanças e diferenças entre os dois sistemas são dignas de nota.

Palavras-Chave: Leibniz, *Whitehead*, Contínuo extensivo

Nome: Íris Fátima da Silva

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: A propósito das Múltiplas Formulações da Ontologia do Inexaurível em Luigi Pareyson

Resumo: Assim como o ser se diz de muitos modos também a inexauribilidade pode ser dita de modos distintos: pode-se falar desde a: inexauribilidade do ser, da verdade, da pessoa, da liberdade, a inexauribilidade da interpretação, da arte, de Deus. É justo inferir, que na filosofia de Luigi Pareyson o conceito de inexauribilidade é um conceito chave da segunda fase do seu pensamento. Decerto, nas sete principais formulações da *ontologia do inexaurível* pode-se observar a singularidade de cada uma delas. Não obstante, Pareyson argumenta que a verdade é inseparável de cada interpretação, sem, contudo, nunca se identificar com ela, assim sendo, não se pode nem afirmar que a verdade nunca se manifesta em si, mas somente em outra coisa, nem sustentar que a palavra seja sede inadequada da verdade. Para revelar a verdade é preciso interpretá-la, assim, a palavra não pode ser nunca uma enunciação exaustiva da verdade, mas a sede mais adequada para acolhê-la e conservá-la como inexaurível, já que dela a verdade não apenas se subtrai para retirar-se no segredo estimulando-a e permitindo-lhe novas revelações: a verdade não é algo incompreensível, heterogêneo, um símbolo, uma alusão, mas é, antes de tudo, uma irradiação de significados, que ultrapassa a desvalorização da palavra alcançando sua supervalorização, conferindo-lhe uma nova

espessura e profundidade, onde o explícito perde a própria estreiteza, fugindo da tentação de isolar-se numa presunçosa suficiência, aceitando anunciar a riqueza do implícito que carrega dentro de si. A presente comunicação apresentará as múltiplas formulações da *Ontologia do Inexaurível* discutidas no volume *Verità e Interpretazione* de Luigi Pareyson.

Palavras-Chave: Luigi Pareyson, Ontologia, Inexaurível.

Nome: João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias

Instituição: UFAL

Título do Trabalho: O corpo na filosofia de Merleau-Ponty: notas sobre o *corpo próprio* na *Fenomenologia da Percepção*.

Resumo: Partimos da *Fenomenologia da percepção* no sentido de evidenciar elementos em torno compreensão do *corpo* na filosofia de Maurice Merleau-Ponty. O filósofo parte de uma crítica à tradição metafísica, particularmente no que se refere às filosofias da consciência, do racionalismo cartesiano ao idealismo transcendental kantiano, do intelectualismo ao empirismo clássico, do subjetivismo filosófico e do objetivismo científico. A noção de *corpo próprio* em Merleau-Ponty não se encerra na explicação e compreensão do *corpo* a partir de uma realidade biológica ou mecânica, ou ainda da dicotomia clássica entre sujeito e objeto. O *corpo próprio* é amplificado a partir da noção de percepção e de como esse movimento perceptivo nos permite construir uma “carta do visível” na relação com o mundo e com os outros, ou ainda, na relação com o invisível. O *corpo próprio* não é medido por um projeto pré-determinado, mas pela indeterminação, a partir de um movimento de transcendência na existência, pelo vivido, na medida em que “fatos” são retomados e transformados, da contingência em necessidade. A partir da debilidade metafísica do homem, no sentido de que não saberemos jamais como as coisas são em sua totalidade, o filósofo elege o *corpo* e a percepção como lugar de centralidade de suas problematizações, na medida em que tudo o que aparece ao humano, aparece por seu *corpo*, portanto o *corpo* é o caminho para acessar o mundo. Merleau-Ponty perspectiva o *corpo* como lugar de investigação filosófica, não do *corpo* como objeto ou como coisa, mas do *corpo* como *corpo próprio* e simbólico, como sujeito da percepção.

Palavras-Chave: Fenomenologia da Percepção, Corpo próprio, Percepção.

Nome: Kibson Rodrigo Santos da Silva

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: A produção no *télos* do utensílio e sua pertença ao mundo

Resumo: Na concepção heideggeriana temos que a história do Ocidente é a história de como a metafísica produtivista dos antigos gregos, gradualmente miscigenou em tecnologia moderna. Esta será a análise inicial feita para se chegar a dizer que a preocupação maior relativa ao modo tecnológico de compreender as coisas (utensílios) estava totalmente ligada à investigação sobre o ser dos entes. Ser este que funciona como a síntese dos meios que moldam a história segundo a qual os entes se revelam a si próprios. Em que a ontologia grega e sua história são provas de que *Dasein* (ser-aí) se compreende a si mesmo e o ser a partir do mundo. Provando que uma ontologia que se desenvolveu em virtude de tal pensamento caiu mais uma vez e deteriorou-se numa tradição metafísica filosófica que afundou numa realidade óbvia. Entender a natureza e o caráter do *processo de produção* pela tradição metafísica grega é necessária, em destaque a aristotélica – para que se compreenda o ser-dos-entes como alterado no decurso dos séculos. Iniciada na Antiga Grécia o pensar sobre a era tecnológica foi antecipadamente desde os primórdios da história da metafísica. Acredita-se que a

moderna tecnologia foi o produto da força desta história. Para Aristóteles, por exemplo, o *ser* significava *ser produzido* tendo em vista que o ser dos entes é em certa medida constituído em termos potencialmente tecnológicos. A perspectiva da qual: todas as coisas nada mais são do que matéria-prima que atuam como o processo não interrompido de produção e de consumo, representam o estágio final da história metafísica produtivista.

Palavras-Chave: Aristóteles, Heidegger, produção.

Nome: Lauro Ericksen

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: Autenticidade e insolência do *Dasein* no modo de ser-com os outros.

Resumo: O presente trabalho visa analisar como é possível que o *Dasein* venha a apresentar um modo de ser que o possibilite a ser autêntico em seu espectro decisório comunitário a partir de toda a sua imersão na impessoalidade. Destarte, será apresentado o conceito de insolência (do alemão: *Selbstherrlich*), o modo de ser, através do qual, o *Dasein* se posiciona e adota uma postura resoluta perante o domínio impositivo do impessoal, determinando como ele poderá, a partir de então, interpretar-se em seu próprio horizonte de finitude, compreendendo, desta maneira o seu si-mesmo mais próprio. A partir dos contornos do modo de ser insolente perante o domínio ditatorial do impessoal, o *Dasein* passa a não estar mais afeito, de maneira pré-determinada e a ele co-relacionada, a todas as prescrições normativas de condutas da inautenticidade inserta no impessoal. De acordo com essa premissa, o *Dasein* passa a poder ser propriamente si-mesmo, não apenas em sua própria concepção de ser em si-mesmo, mas também em sua compreensão de ser-no-mundo, o que o possibilita a apresentar-se, originariamente, para com os outros, comunitariamente se compreendendo, e podendo ser, desta feita, autêntico também nesses meandros coletivizados. Afinal, sem tal apresentação insolente, os meios coletivizados em que o *Dasein* se inseriria seriam apenas reflexos da inautenticidade do modo de ser impessoal do qual ele cotidianamente é refém.

Palavras-Chave: Dasein, Autenticidade, Insolência.

Nome: Marcela Barbosa Leite

Instituição: UFPE

Título do Trabalho: Heidegger e o fundamento ontológico da História

Resumo: Este trabalho discute a perspectiva heideggeriana sobre o fundamento ontológico das ciências históricas. Para Heidegger, é compreendendo-nos, existencialmente, em nossa historicidade radical, que podemos construir uma “ciência” da História. Veremos que o acesso ao *sentido* da História, seja como “curso dos acontecimentos”, seja como “estudo dos acontecimentos”, nos é dado pela hermenêutica da facticidade: todos os acontecimentos, os monumentos, os instrumentos, as circunstâncias, os relatos, as obras, as vivências, as instituições, só são em si mesmos “históricos” ou só podem ser objeto *possível* de investigação historiográfica, por sua pertinência ao mundo do *Dasein*. Dessa forma, o propósito desse trabalho é mostrar como, em Heidegger, a tematização historiográfica se torna possível, isto é, quaisas condições de possibilidade da “construção do mundo histórico pelas ciências do espírito”, esperando explicitar, daí, os principais problemas relacionados à crítica dirigida à concepção tradicional da História.

Palavras-Chave: hermenêutica da facticidade, ontologia, História.

Nome: Marco César de Souza Melo

Instituição: UECE

Título do Trabalho: A crítica de Hans Jonas ao dualismo

Resumo: Na obra *O Princípio Vida*, o pensador alemão Hans Jonas desenvolve sua filosofia da natureza mediante a crítica do dualismo formulado pela metafísica tradicional. Jonas tematiza o problema do ser afirmando que a primeira forma do dualismo, originada na antiguidade clássica, consistia em uma reação ao enigma da morte, pois em um mundo panvitalista, isto é, onde tudo é animado, a morte representava uma contradição à lógica da natureza. Desse modo o dualismo negou a morte ao estabelecer a separação entre duas instâncias dissonantes para defender a tese, reforçada pela religião, de que o ser permanece, ou seja, a morte não significa a sua eliminação, mas apenas uma mudança de estado. Posteriormente, segundo Jonas, ocorrem na modernidade tentativas de dissolução da teoria dualista juntamente com a inversão da compreensão clássica do mundo, que de panvitalista passa a pan-mecanicista, cujo pressuposto é a ideia de natureza como um aglomerado de matéria inanimada cujas relações, estritamente mecânicas, são desprovidas de sentido, perspectiva enfatizada já nas filosofias, por exemplo, de Descartes e Hume. Tais tentativas de superação são empreendidas por doutrinas materialistas e idealistas, que, segundo o filósofo alemão, antes de lograrem êxito reforçam ainda mais a dualidade entre matéria e forma, uma vez que suas formulações privilegiam uma polaridade em detrimento da outra. Ao pôr em questão tais filosofias, nosso autor propõe uma concepção monista que se fundamenta na experiência do corpo orgânico, no qual exterioridade e interioridade apenas se distinguem, mas não se separam.

Palavras-Chave: Metafísica, dualismo, monismo.

Nome: Marcos Fábio Alexandre Nicolau

Instituição: UVA

Título do Trabalho: A questão do começo em Fichte e Schelling: uma análise da intuição intelectual

Resumo: Uma das principais, senão a principal, pretensão da filosofia é a de ser a ciência do princípio primeiro-último, isto é, do princípio que é comum a tudo. Tal questão é encarada pelos filósofos do idealismo alemão, que buscam dar-lhe solução em seus sistemas. Em tal busca, os idealistas alemães propõem um projeto que somente poderia ser almejado a partir de uma articulação crítica da proposta metafísica de apreender o princípio absoluto e irrenunciável. Seus esforços serão no sentido de elaborar uma argumentação filosófica livre de qualquer vínculo com instâncias não filosóficas, ou seja, a filosofia deve ser autônoma, auto-fundante. Por isso, os idealistas alemães arquitetarão o programa de uma nova filosofia, surgida assim da exigência de realizar o sistema filosófico a partir de um princípio fundamental tido como certo e indubitável. Ora, para tal, será exigida da filosofia a realização da tarefa de chegar ao começo, ou seja, ao princípio não-condicionado, que a fundamente partindo não de hipóteses fora dela, mas que seja capaz de fundamentar a si mesma a partir dela mesma. Entenda-se tal pretensão como a exigência de uma autofundamentação reflexiva, que Fichte e Schelling acreditam estar na ideia de uma *intuição intelectual*, fundamental na formulação de seus sistemas éticos.

Palavras-Chave: Idealismo Alemão, Autofundamentação, Intuição Intelectual.

Nome: Oscar Cavalcanti de Albuquerque Bisneto

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: Teria o pensamento de Hegel sido negligente quanto à fundamentação última do seu sistema?

Resumo: O sistema de Hegel ainda hoje é acusado, como sabemos, de ter cometido diversos deslizes epistemológicos, constituindo sua filosofia, então, um forte dogmatismo, que, presume-se, somente o cientificismo e a análise lógica da linguagem poderiam erradicar. Embora tal acusação seja correta em relação ao período de Berna, cuja preocupação central era de caráter eminentemente prático-religioso, o mesmo não se pode afirmar no tocante aos períodos subsequentes, sobretudo ao de Iena. Mesmo porque data do início deste período o surgimento em conjunto de duas de suas principais preocupações filosóficas, que evidenciam se não a fragilidade dessa acusação, ao menos seu total desconhecimento quanto à verdadeira natureza do pensamento hegeliano. Por isso, tendo principalmente como base da nossa exposição uma resenha publicada por Hegel em 1802 no *Jornal Crítico de Filosofia*, posteriormente conhecida como o *Ensaio sobre o Ceticismo*, mostraremos que a primeira dessas preocupações consistia em alcançar seguridade epistemológica para os fundamentos do seu então projeto de sistema, ao passo que a segunda, por sua vez, consistia numa tentativa de neutralizar a ameaça do desafio lançado pelo ceticismo. Uma vez que estas questões se encontram imbricadas, nosso trabalho encontra sua justificativa na suposição de que o projeto de fundamentação do sistema especulativo, longe de ser negligenciado por Hegel, constitui, conforme entendemos, o elemento teórico determinante que o teria levado a se ocupar com o problema do ceticismo.

Palavras-Chave: Sistema, Fundamentação, Ceticismo.

Nome: Osvaldo Ferreira de Andrade Filho

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: Deus para além das categorias do ser e da verdade no pensamento de Nicolau de Cusa.

Resumo: A compreensão de Deus no pensamento do cardeal alemão Nicolau de Cusa faz parte de um capítulo do neoplatonismo cristão que pouco foi lido pela História da Filosofia. Essa tradição mística que se debruçou sobre a inefabilidade divina encontra em Nicolau o seu desfecho e a sua perpetuação, pois, estando localizado no século XV, ele ocupa um lugar de transição do qual transpõe para o Renascimento alguns tópicos recorrentes no pensamento medieval. Nicolau caracteriza Deus como Máximo absoluto e inominado no qual a ideia de unidade se realiza na concordância do múltiplo, Deus encontra-se para além das categorias do Ser e da Verdade. Deus é o princípio fundante de todas as coisas, que une e transcende em si as diferenças através da superação que se dá na *coincidentia oppositorum*. Para o Cusano Deus está acima do próprio nada e, de qualquer coisa, da mesma forma que é, ele é tudo aquilo que não é. Deus é origem e causa de tudo o que é nomeado. E embora seja efável sobre todas as coisas, Ele permanece inefável, e por isso não podemos entender ou falar das coisas que tratam da natureza infinita de Deus. Ainda que tudo seja fruto de sua criação divina, nada diz ou revela sobre sua natureza una e infinita.

Palavras-Chave: Ser, inefabilidade, conhecimento.

Nome: Rafael Lucas de Lima

Instituição: UFRN

Título do Trabalho: Kosik e uma metafísica do concreto

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo discutir acerca dos aspectos metafísicos da perspectiva kosikiana de realidade, a partir de uma análise da obra *Dialética do concreto*.

Palavras-Chave: Karel Kosik; metafísica do concreto.



GT LÓGICA E METAFÍSICA

PALESTRAS

Nome: André Nascimento Pontes

Instituição: UFAM

Título: Benacerraf contra o platonismo matemático: sobre conhecimento e verdade na matemática.

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar o argumento contra o platonismo matemático proposto por Paul Benacerraf em seu célebre artigo *Mathematical Truth*. Em linhas gerais, o argumento de Benacerraf é caracterizado pela afirmação de que o platonismo matemático é incompatível com a teoria causal do conhecimento. A estrutura do meu trabalho pode ser dividida em duas partes: na primeira parte apresento o argumento de Benacerraf. A segunda parte é dedicada a algumas críticas desferidas contra o uso da teoria causal do conhecimento em contextos matemáticos; dentre elas destaco as respostas de Chateaubriand e Linnebo. Vale ressaltar que o argumento de Benacerraf é mais uma instância do chamado *problema do acesso*, a saber, como explicar nosso conhecimento acerca de entidades pretensamente abstratas, tais como números, conjuntos, universais, dentre outras, se não estamos causalmente conectados com tais entidades? Após uma análise geral do debate, minha conclusão possui, em grande parte, um caráter negativo: embora a prática matemática esteja crescendo continuamente na sofisticação de seus métodos e volume de conhecimento demonstrado, não possuímos ainda uma epistemologia satisfatória que descreva a natureza do nosso acesso ao domínio das verdades matemática.

Palavras-chave: Conhecimento, verdade, matemática.

Nome: Cícero Antônio Cavalcante Barroso

Instituição: UFC

Título: Uma explicação cognitiva do ‘segue-se’

Resumo: O principal ponto de partida de qualquer lógica dedutiva é o fato de que alguns enunciados se seguem necessariamente de outros. Mesmo uma pessoa sem nenhum treino lógico muitas vezes é capaz de identificar essas conexões entre enunciados. Em todo caso, não é fácil dizer qual é o critério que usamos para dizer que um enunciado α se segue necessariamente de um conjunto de enunciados Γ . Até os lógicos divergem sobre esse ponto, dividindo-se em dois grupos principais. O primeiro grupo mantém que o critério é semântico. Para eles, podemos dizer que α se segue necessariamente de Γ quando verificamos que não é possível que os enunciados de Γ sejam todos verdadeiros e α seja falso. O outro grupo sustenta que o critério é sintático. Para esses, podemos afirmar que α se segue necessariamente de Γ se assumimos certas regras de derivação sintática e, com essas regras, podemos derivar α a partir de Γ . Além de defenderem suas próprias convicções, os membros de cada um desses grupos também procuram apontar problemas na explicação do grupo rival, e cada lado parece ter bons argumentos. Diante desse impasse, uma terceira via explicativa poderia nos indicar uma saída. Na minha apresentação, tentarei fazer um esboço dessa via. A ideia básica é de que, quando dizemos que α se segue necessariamente de Γ , fazemos isso porque Γ , em conjunto com certos pressupostos, nos compele para α . Minha opinião é de que essa compulsão resulta de um processo cognitivo que opera tanto com o seguimento de regras como com a aplicação de modelos semânticos.

Palavras-chave: Semântica lógica, sintaxe lógica, compulsão.

Nome: Claudio Ferreira Costa

Instituição: UFRN

Título: Uma resposta fregeana ao problema do indexical essencial

Resumo: A tese de Perry sobre proferimentos indexicais é que eles não podem ser substituídos por proposições descritivas sem alteração em seu significado. Meu objetivo é tentar desenvolver paráfrases fregeanas dos proferimentos indexicais que, embora não preservando os aspectos fenomenais nem a perspectiva da primeira pessoa, são capazes de preservar o sentido como modo de apresentação, o valor verdade da frase indexical envolvida e a sua capacidade de explicar o comportamento.

Palavras-chave: Proferimentos indexicais, proposições descritivas, modo de apresentação, valor de verdade.

Nome: Giovanni Queiroz

Instituição: UFPB

Título: Sobre a lógica da pesquisa científica

Resumo: “Lógicas intuicionistas duais” foram introduzidas em muitos artigos e investigadas sob vários aspectos, através do uso de diferentes técnicas e métodos. Lógicas intuicionistas duais tem-se revelado lógicas paraconsistentes. A ideia de uma tal lógica já aparece em um trabalho de Popper, embora Popper tenha pensado que esta era “sem utilidade”(Popper, 1963). Este trabalho investiga o trabalho de Popper sobre o tema, apresentando as intuições subjacentes e as críticas que lhe foram feitas; depois examina uma proposta, baseada nos trabalhos de Popper, de uma lógica da pesquisa científica; uma ampliação desta proposta é, então, apresentada; tal lógica é paraconsistente e incorpora as intuições de Popper sobre o desenvolvimento da pesquisa científica. Conclui-se mostrando o lugar de Popper no desenvolvimento da lógica paraconsistente e aclaram-se alguns dos mitos encontrados na literatura sobre tal tema.

Palavras-chave: Lógica intuicionista, lógicas paraconsistentes, dualidade.

Nome: José Maria Arruda

Instituição: UFF

Título: Leibniz e o problema do “Judas, pecador”

Resumo: O trabalho procura explicitar, a partir da formulação leibniziana do problema do “Judas Peccatorum”, os fundamentos lógicos e metafísicos das verdades contingentes segundo Leibniz. O problema resume-se a uma única pergunta: Poderia Judas não ter cometido o pecado de trair Cristo? Essa questão envolve não somente a questão de se Judas poderia ter agido diferente, mas, em outra abordagem, se outro Judas, que não fosse pecador, poderia ter existido. Trata-se aqui de uma discussão em que as principais teses lógico-metafísicas de Leibniz, a saber: o princípio de Razão Suficiente, sua concepção analítica de verdade e o postulado da demonstrabilidade de toda verdade, parecem entrar em colapso e se misturam de tal forma que resta a suspeita de que sua filosofia não passa de uma forma mais sofisticada de determinismo lógico. Pretendo explicitar a tensão que existe na concepção de verdade em Leibniz como inclusão do predicado no sujeito e a outra noção de verdade, que aparece em seus textos, como “verdadeiro em um mundo possível”. Minha proposta é que somente a solução de distinção entre verdades demonstráveis e verdades não demonstráveis não é suficiente para resolver o problema do “Judas peccatorum”.

Palavras-chave: Leibniz, metafísica, modalidades.

Nome: Maria da Paz Nunes de Medeiros

Instituição: UFRN

Título: Lógica modal dos domínios constantes: uma abordagem semântica

Resumo: Lógicas intermediárias são aquelas que têm como axiomas certas proposições não aceitas intuicionisticamente, sem terem, entretanto, a mesma capacidade dedutiva da Lógica Clássica. Uma das lógicas intermediárias mais conhecidas é a lógica dos domínios constantes, que do ponto de vista semântico caracteriza-se pelo fato de que o domínio de quantificação é o mesmo em todos os mundos. Apresentaremos um sistema formal para a lógica modal dos domínios constantes e analisaremos os aspectos semânticos decorrentes da interação dos quantificadores universal e existencial com os operadores modais de necessidade e possibilidade.

Palavras-chave: Lógica modal, lógicas intermediárias, lógica dos domínios constantes, quantificadores, operadores modais.

COMUNICAÇÕES

Nome: Adan John Gomes da Silva

Instituição: UFRN

Título: O papel da verdade na filosofia da ciência de Thomas Kuhn

Resumo: Racionalidade e verdade tem figurado como os dois principais temas na filosofia da ciência contemporânea, razão pela qual podemos agrupar praticamente todos os filósofos da ciência influentes sob o debate desses temas. Thomas Kuhn não é uma exceção. A fim de confirmar essa ideia, pretendo mostrar como esse filósofo faz uso de seu anti-realismo científico para prestar à sua teoria da ciência o elemento racional do qual seus críticos a julgavam desprovida. Para esse propósito inicio com uma descrição das ideias pelas quais Kuhn atraiu para si a alcunha de irracionalista e relativista. Em seguida, apresento algumas das réplicas que Kuhn apresentou contra essas acusações, evidenciando sua convicção de que a ciência, apesar de tudo que disse sobre ela, é um empreendimento racional. Explico ainda como o abandono do ideal realista de ciência se torna o elemento essencial ao modelo de racionalidade científica descrita por Kuhn em seus últimos trabalhos. Concluo defendendo a ideia de que seu anti-realismo é um elemento injustificado e anterior à toda a sua teoria da racionalidade.

Palavras-chave: Ciência, verdade, racionalidade.

Nome: Bruno Camilo de Oliveira

Instituição: UFRN

Título: A lógica do Modus Operandi Newtoniano

Resumo: É no modus operandi de Isaac Newton que visualizamos as novas epistemes que irão permear toda a ciência moderna. Pois, de um lado temos a filosofia mecânica, a qual compreende que a única forma de garantir a certeza de algo é dispô-lo matematicamente, propondo a redução da natureza às categorias matemáticas, de outro, temos a filosofia empírica, que propõe grandes sistemas coerentes com a realidade empírica, cujo experimento criterioso é fundamental para o estabelecimento de verdades ou conceitos acerca dessa realidade. A metodologia newtoniana não negava esta ou aquela episteme, simplesmente, por divergirem em seu método, mas, encarava-as como disciplinas que podiam andar juntas, pois seus métodos almejam se aproximar do verdadeiro conhecimento. O talento e o discernimento experimental de Newton

ajudaram-no em uma completa compreensão, bastante clara, do método e do sentido de investigação, que o novo pensamento científico exigia. Objetamos que Newton viu além porque se serviu de um método necessário, para reduzir os maiores fenômenos de todo o universo da matéria a categorias matemáticas. Analisemos como ele descreve seu método, seu modus operandi, para que seja necessária uma apreciação de sua influência na metafísica moderna e na filosofia da ciência atual.

Palavras-chave: Filosofia mecânica, modus operandi, leis naturais.

Nome: Éder Nogueira Bezerra

Instituição: UECE

Título: Sobre o argumento ontológico e a gênese da objetividade na lógica hegeliana

Resumo: Com uma longa tradição o assim chamado argumento ontológico para provar a existência de Deus estabelece que o ser do qual nada maior se pode pensar existe necessariamente. Iniciado por Anselmo, retomado e desenvolvido por autores do racionalismo e criticado por Kant, o argumento estabelece a passagem da essência à existência do ser absoluto. Com isso em mente, o presente trabalho objetiva articular a recepção hegeliana de tal argumento em sua lógica, no exato momento em que se expõe a transição da subjetividade à objetividade. Como categoria lógica específica o objeto aparece quando Hegel tematiza a terceira e última forma silogística; o silogismo da necessidade. Nesse momento temos que o objeto se articula como a realização do conceito, onde o universal configura-se como totalidade una, que, pelo suprassumir da mediação, se determinou como unidade imediata. Como consequência direta disso temos que o objeto é um ser autônomo, concreto, completo em si; uma autonomia que é a totalidade do conceito. Nesse primeiro momento do objetivo o mesmo se nos apresenta como o Todo uno, indeterminado em si e universalizado; o mundo objetivo em geral, Deus, o objeto absoluto. A retomada do argumento ontológico aqui tem por fim ressaltar a dimensão não-subjetiva e absoluta deste desenvolvimento lógico; de tal modo que, assim como do conceito de Deus se chega à existência do mesmo, da subjetividade do conceito se alcança sua objetividade.

Palavras-chave: Lógica, Ontologia, Objetividade.



**GT NATUREZA E METAFÍSICA NA
FILOSOFIA ANTIGA**

PALESTRAS

Nome: Celso Martins Azar Filho

Instituição: UFF

Título: O cosmos relacional dos *Ensaaios*: o conceito de lei natural em Montaigne e seus antecedentes teóricos

Resumo: Se o mobilismo universal é uma das características centrais das descrições do cosmos na obra de Michel de Montaigne, este teve nisto alguns predecessores célebres em quem poderia ter se apoiado. Contudo, chegar a definir como mutáveis as leis naturais em si mesmas, como faz o ensaísta, constitui um ponto de vista esposado por muito poucos autores antes ou depois da Renascença. O que se pretende é examinar os antecedentes de tal concepção, e sua recepção nos *Ensaaios*, para daí avaliar com mais clareza a singularidade da concepção montaigniana.

Palavras-chave: Montaigne, Lei natural, Renascimento.

Nome: Everton da Silva Rocha

Instituição: UNIRN

Título: A natureza do real, pensar o invisível a partir do visível no pensamento de Epicuro

Resumo: Após um preâmbulo no qual foram apresentados os pré-requisitos fundamentais para dar início ao estudo da natureza, Epicuro aborda na Carta a Heródoto seu primeiro problema filosófico de grande relevância: a questão da geração e da corrupção. É necessário responder: qual a natureza de todas as coisas, homens, animais e plantas? A pergunta tem caráter universal e engloba tudo que nasce e perece. É digno de nota que essa discussão está dimensionada no campo do imperceptível, e, por isso, o filósofo deve direcionar sua capacidade de reflexão para o terreno das realidades invisíveis. O primeiro grande passo não é dado pela investigação sensível direta, o que contraria algumas atribuições costumeiramente feitas ao epicurismo, como materialismo¹ ou empirismo, e outras da mesma ordem. O pensamento deve lançar mão de recursos legítimos que permitam acessar essas verdades, e aqui, Epicuro utiliza-se principalmente da analogia como recurso de investigação filosófica.

Palavras-chave: Natureza, realidade, invisível.

Nome: José Gabriel Trindade Santos

Instituição: UFPB

Título: 'É'/'não é' em Parmênides

Resumo: Vou defender a tese de que *o que é* é o nome atribuído ao único objecto epistémico possível (*que pode ser pensado/conhecido*: B2.2). A falta de sujeito e predicado gramaticais a 'é'/'não é' (B2.3, B2.5) sugere que o verbo não seja lido como cópula. Daí resulta que os caminhos devem ser lidos como nomes que nada afirmam ou negam, de nada exterior ao pensamento. O «pensamento» será a 'faculdade/estado' infalível que funde o captado na captação («Se P±P»: só há 'visão' do 'visto', etc., captação do captado). Aceitando esta interpretação, o argumento não tem implicações ontológicas.

Palavras-chave: ser, não ser.

Nome: Marcos Roberto Nunes Costa

Instituição: UFPE

Título: A Metafísica do bem na filosofia da natureza de Santo Agostinho

Resumo: Partindo do princípio judaico-cristão de que Deus, Ser único, mediante um ato livre de amor, criou todas as coisas a partir do nada (criação *ex nihilo*), Santo Agostinho defende que no universo físico, criado e governado por Deus, não há espaço para a desordem ou imperfeição (o mal), mas que a natureza é perfeitamente ordenada e harmoniosa, não havendo senão o bem, de forma que em Agostinho, existir, ser e bem são sinônimos. Já o suposto mal físico, ou a imperfeição no universo, não passa de uma ausência ou privação do bem, que acontece não como ser, mas como não ser.

Palavras-chave: Santo Agostinho, Natureza, Bem.

Nome: Markus Figueira da Silva

Instituição: UFRN

Título: Prolépsis, phantasia e diánoia: a relação entre imagem e pensamento em Epicuro

Resumo: Epicuro indicou de maneira sucinta nos parágrafos 46 a 53 da Carta a Heródoto a produção e concepção das imagens a partir das impressões sensíveis, distinguindo entre aquelas que formam o pensamento imaginativo (phantasia) e aquelas que constituem o pensamento filosófico (diánoia). Definiu o movimento do pensar como um "salto", ou projeção do pensamento inteligível, a partir de analogias com as impressões sensíveis, utilizando a expressão *Hé phantastiké epibolé tés diánoias*. O que se pretende neste trabalho é expor a articulação dos conceitos presentes no texto para explicitar a relação sensível/inteligível na produção do pensamento..

Palavras-chave: Prolépsis, phantasia, diánoia, Epicuro.

Nome: Rodrigo Vidal do Nascimento

Instituição: IFRN

Título: A Natureza do Corpóreo: constituição do pensamento e perspectiva unitária da realidade

Resumo: A partir das discussões em torno da corporeidade do pensamento tem-se como implicação a visibilidade do fator responsável por nortear a perspectiva da realidade em direção da unidade dos corpos. Isso significa refletir sobre qual direcionamento é dado por Epicuro para a constituição da visão totalizante da realidade, tendo em vista os aspectos intencionalmente sugeridos para a compreensão corpórea do todo e de suas partes. Ao analisar os textos de Epicuro, notadamente o conteúdo da *Carta a Heródoto*, é possível perceber parte da intencionalidade no sentido da indicação, mesmo que de forma sutil, de como devem ser observados os fenômenos naturais e quais procedimentos são necessários e adequados tanto para a investigação como para a compreensão da natureza.

Palavras-chave: Epicuro; Natureza; Corporeidade

COMUNICAÇÕES

Nome: Antonio Julio Garcia Freire

Instituição: UFRN

Título: O *Clinamen* em Lucrecio: contribuições dos antigos atomistas à *Phýsis* Epicúrea

Resumo: No *De Rerum Natura* (II. 216-293), Lucrecio argumenta a favor da existência do desvio dos átomos. A declinação atômica (*clinamen*, *parenclisis*) é uma das mais difíceis e controversas teorias do epicurismo. Citada por Cícero (*De Finibus* I. 18-19), a menção direta à questão do desvio não se encontra em nenhuma das obras sobreviventes de Epicuro, mestre do filósofo romano. Na *physiología* epicúrea, o papel da declinação é explicar como os corpos compostos são criados, além de oferecer uma justificativa para a ação voluntária e a liberdade (autarquia). Lucrecio, na sua descrição da natureza, apresenta dois tipos de movimento (*DRN*, II. 83-85), a saber, a queda livre dos átomos causada pelo seu peso, e o movimento em todas as direções resultantes de colisões entre esses átomos. Mas um terceiro movimento atômico (*clinamen*) deve ser presumido para explicar a existência dos corpos compostos e a ação voluntária. Considerando que a teoria do *clinamen* tem suas raízes no Filósofo do Jardim, e que tal noção enceta alguns problemas, coloca-se a seguinte questão: a partir de que princípio, Epicuro, e posteriormente Lucrecio, agregou a teoria do desvio à sua teoria da natureza? Podemos encontrar nos antigos atomistas e filósofos anteriores à Epicuro e Lucrecio, referências que possam subsidiar a teoria da declinação atômica? O objetivo desta comunicação é apresentar uma breve introdução à teoria do movimento atômico entre os atomistas antigos, e sua presumida influência na *physiología* epicurista, particularmente na noção do *clinamen*.

Palavras-chave: epicurismo; declinação; *clinamen*.

Nome: Francisca Galiléia Pereira da Silva

Instituição: Universidad Complutense de Madrid

Título: Bem em si e bem por participação, uma reflexão sobre os graus dos seres nos *Elementos Teológicos* de Proclo

Resumo: Ao dar início à distinção entre bem por si e bem por participação em Proclo, em seus *Elementos teológicos*, deve-se ter como ponto de partida da exposição a premissa: *tudo o que produz outra coisa é, por natureza, superior àquilo que foi produzido*. Trata-se, aqui, da tese fundamental sobre a qual Proclo elabora proposições que possibilitam atestar a validade ou falsidade do argumento. Inferioridade, igualdade ou superioridade são as possibilidades, demarcadas pelo filósofo, de formas de relação entre o produtor e o produto. Diante das possibilidades elencadas, tem-se que, se a relação se tratar de uma igualdade, chegar-se-á a conclusão de que tudo, produtor e produto, é igual, algo que mesmo numa análise superficial dos seres se pode averiguar a falsidade. Caso a relação seja de superioridade do produto diante do produtor, um esforço reflexivo pode concluir que o primeiro não pode ser superior ao segundo, porque se o produtor pode produzir algo superior a ele mesmo, ele poderia fazer, de si mesmo, algo mais elevado do que já é. Afinal, é o produtor que *dá a substância àquilo que produz, igualmente lhe confere potência em conformidade com a substância*. Resta, então, uma relação de superioridade do produtor com o produto, uma relação ontológica que vai refletir, diretamente, no modo como os seres tendem ao bem. Isto se dá desta forma porque cada ser tende, segundo Proclo, ao bem conforme sua natureza. Assim, uma natureza superior indica, ao mesmo tempo, uma natureza melhor. A proposta, pois, deste estudo é realizar uma articulação entre os graus ontológicos e a participação do

bem pondo em relevo a dimensão argumentativa desenvolvida, por Proclo, nos *Elementos teológicos*.

Palavras-chave: Proclo, Bem, Ser.

Nome: José Eudo Bezerra

Instituição: UERN

Título: Átomos e vazio na compreensão epicúrea de *phýsis*

Resumo: O objetivo desse trabalho é apresentar dois elementos relevantes no que se refere à *phýsis* no pensamento epicúreo: *átomos e vazio*. São considerados fundamentos e modos de realização da *phýsis*. Segundo Epicuro, os átomos são corpos indivisíveis e imutáveis. São sólidos, logo, de natureza corpórea, compostos de infinita variedade de formas; isto implica admitir que não são gerados e deles provêm todas as formas presentes na realidade (*phýsis*). Fazem parte do princípio de que “nada nasce e nada perece”. Os átomos são considerados também corpos simples, isto é, são originais e essenciais para a geração e a subsistência dos corpos compostos. São átomos que se movem no *vazio* e com seus movimentos possibilitam a origem das realidades que são percebidas pelos sentidos. No *Corpus* epicúreo o *vazio* é definido como condição necessária ao movimento dos corpos. Assim, o *vazio* é o espaço que acolhe os corpos, possibilitando-lhes o movimento, a agregação e a dissolução, determinando a geração, a corrupção das coisas da natureza.

Palavras-chave: *phýsis*; átomos; *vazio*

Nome: Lourival Bezerra da Costa Júnior

Instituição: UFRN

Título: A Imagem da Viga Contrária e o Exame da Natureza no *Fédon* de Platão

Resumo: A imagem construída em torno do binômio prazer/dor no *Fédon* é chamada aqui, por analogia, de “a viga contrária” (τὸ δοκοῦν ἐναντίον). Contudo, antes de justificar tal nomeação é oportuno mostrar de que modo essa imagem foi construída em grego no *Fédon* de Platão organizado por John Burnet 1903, a quem de acordo com R. Hackforth o estudo dessa obra tem sido associado por mais de meio século. Burnet organizou a referida imagem em grego antigo do seguinte modo:

“Ὡς ἄτοπον, ἔφη, ὧ ἄνδρες, ἔοικέ τι εἶναι τοῦτο ὃ καλοῦσιν οἱ ἄνθρωποι ἡδύ· ὡς θαυμασίως πέφυκε πρὸς τὸ δοκοῦν ἐναντίον εἶναι, τὸ λυπηρόν, τὸ ἅμα μὲν αὐτῷ μὴ θέλειν παραγίγνεσθαι τῷ ἀνθρώπῳ, ἐὰν δέ τις διώκη τὸ ἕτερον καὶ λαμβάνη, σχεδόν τι ἀναγκάζεσθαι αἰεὶ λαμβάνειν καὶ τὸ ἕτερον, ὥσπερ ἐκ μιᾶς κορυφῆς ἡμμένω δὴ ὄντε...”

Sobre o caminho percorrido até o texto citado acima em grego antigo. Em primeiro lugar, John Burnet, o organizador do referido trecho foi educado na Universidade de Edimburgo e no Balliol College em Oxford, recebeu seu grau de bacharel em 1887 e foi professor de latim também em Edimburgo. Em 1892-1926, foi professor de grego na Universidade de St. Andrews e se tornou um pesquisador da British Academy em 1916. Em 1909, foi oferecida a Burnet a cadeira de grego na Universidade de Harvard, mas ele não aceitou.

Palavras-chave: “viga contrária”, copóreo, incorpóreo

Nome: Renato dos Santos Barbosa

Instituição: UFRN

Título: Entre *phýsis* e *nómos*: uma consideração epicurista sobre as agregações humanas

Resumo: Epicuro (341-270 a.C) reflete, sobretudo em suas *Máximas principais*, sobre as agregações humanas e se posiciona no cerne do problema da oposição entre natureza (*phýsis*) e convenção (*nómos*). De um lado tem-se a dinâmica necessária, eterna e imutável da natureza e, de outro, os pactos mutáveis e dependentes das circunstâncias e do entendimento entre os homens. Epicuro harmoniza a aparente discórdia entre a vida segundo a natureza e a vida em sociedade com seus intrínsecos acordos para a utilidade mútua. O espaço para acordos sociais é garantido pela concepção epicurista de natureza. Segundo esta, a necessidade inflexível (*anánke*) não interfere nas relações humanas, visto que há na natureza um espaço para aquilo que concerne aos homens (*pár'hemás*).

Palavras-chave: Natureza, convenção, agregações humanas.

Nome: Voltaire Ribeiro Vianna Filho

Instituição: UFRN

Título: A Alma antes da República de Platão

Resumo: Nesta breve comunicação vamos discorrer sobre a visão da Alma na Antiguidade antes de Platão ter terminado de escrever a sua obra-prima, A República. Iniciaremos com a Paideia Grega, procurando saber como Homero e Hesíodo passando pelos filósofos Pré-Socráticos, os Órficos, os Pitagóricos e Sócrates nos diálogos antes da República (Apologia, Górgias e Fédon) tratavam algumas questões sobre a Alma. O objetivo é analisarmos como cada um deles respondia a algumas questões sobre a Alma, tais como:- As Almas foram criadas ou eram eternas? - As Almas eram imortais ou não? - O Homem tinha quantas Almas? Três? Duas? Ou só tinha Uma? - Qual era o destino das Almas após a morte, após deixar o corpo? Finalizaremos com uma pequena comparação com a Alma Tripartite da República de Platão.

Palavras-chave: Alma, Imortalidade, Destino.